

# MOMENTO

# feminino

LAVRADIO, 55, Sala 14 — RIO  
6.ª-Feira, 21 de Novembro de 1947  
CR\$ 1,00 ★ ANO I ★ N.º 18

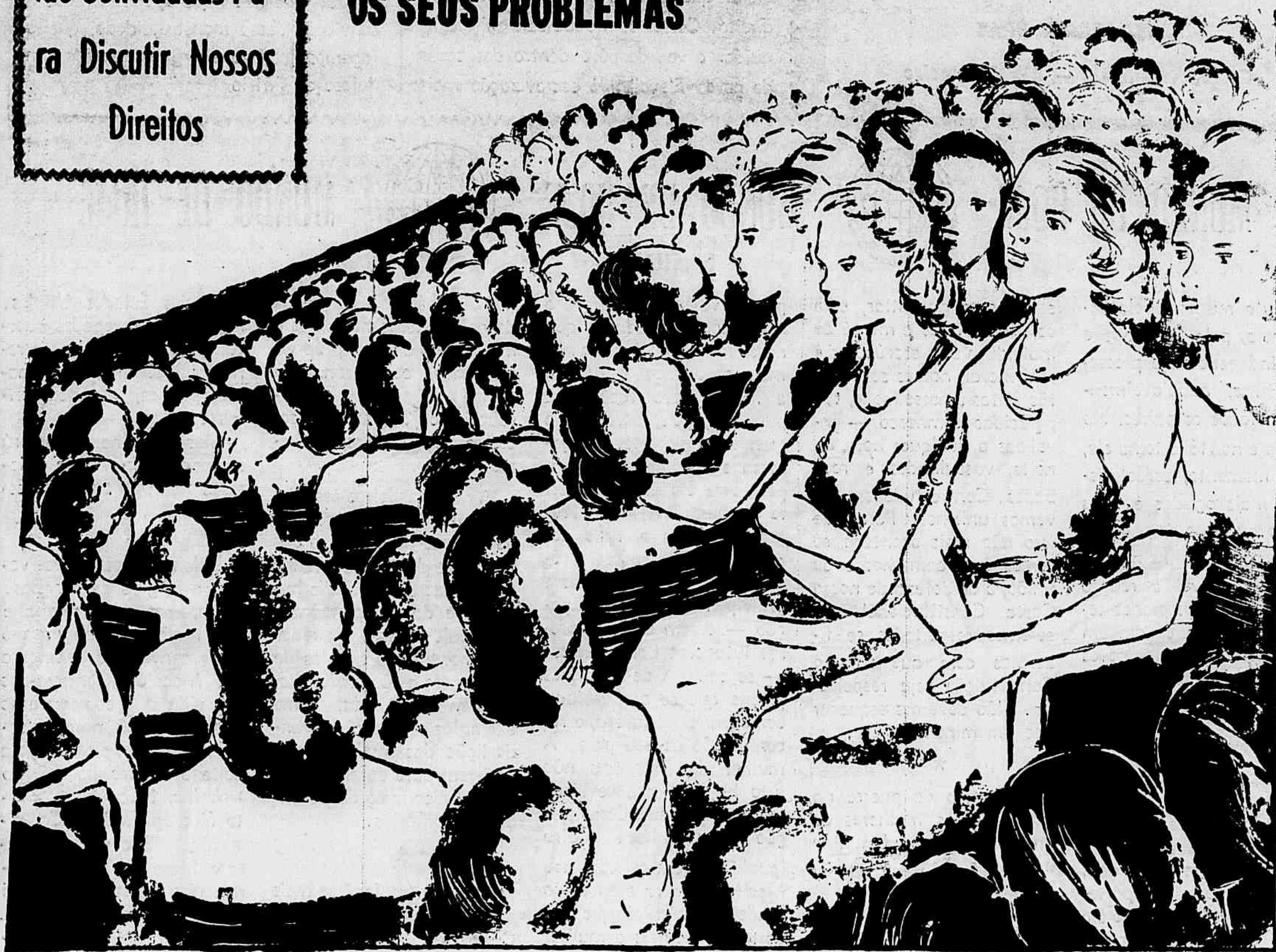
UM JORNAL PARA O SEU LAR

## MESA REDONDA

### DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO

Você, Eu, Nossas  
Amigas, Conheci-  
das e Parentas, Es-  
tão Convidadas Pa-  
ra Discutir Nossos  
Direitos

AS MULHERES REUNIDAS DISCUTIRÃO  
OS SEUS PROBLEMAS



**DIAS 26, 27 E 28, DAS 16 HORAS EM DIANTE NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO BRA-  
SILEIRA DE IMPRENSA — ENTRADA FRANCA — A PALAVRA É DE TODOS**





## ASSINE MOMENTO feminino

3 MESES . . . Cr\$ 12,00  
6 MESES . . . Cr\$ 22,00  
12 MESES . . . Cr\$ 40,00

Pedidos para a gerente

**LUIZA REGIS BRAZ**

Caixa Postal, 2013 — Rio de Janeiro

# O PROBLEMA DESTA HORA

## CASSAR MANDATOS É LIQUIDAR O DIREITO DE VOTO

De crime em crime, de arbitrariedade em arbitrariedade vai o governo arrastando nosso país aos negros dias do passado. Sucedem-se os desrespeitos à Constituição. Os liberais deixam-se arrastar no precipício colocando acima dos interesses do povo, os seus interesses pessoais. A defesa da Constituição está em cada dia ficando apenas nas mãos do povo quando ela devia ser obra de toda a coletividade brasileira. Os deputados esquecem que juraram defendê-la; os senadores tornam-na letra morta e nós outras mulheres, partículas do povo, sentimos a gravidade do momento e a tenaz resistência que nossa consciência democrática nos impõe para defendê-la. É estranho que o problema da cassação dos mandatos possa ser sequer discutido. Cassar mandatos é liquidar pela raiz a própria Constituição. Retirar dos parlamentos homens eleitos pelo povo é esbofetear esse povo; é declarar que esse povo não tem nenhum direito. Cassar os mandatos significa liquidar a voz do povo dentro das casas do povo. É voltar à escravização mais

completa, é ter novamente sobre nossas cabeças as ameaças de crimes e os crimes realizados.

Amigos: que nós mulheres compreendamos com clareza a gravidade desta hora brasileira. Compreendamos como parcela do povo, que a hora é de luta e que dessa luta nos virá certamente a vitória. Unamo-nos, esqueçamos ressentimentos e divergências, pensemos que a cassação de mandatos não atinge um partido mas fere mortalmente toda uma estrutura política. Pensemos que cassar mandatos é rasgar nossa carta constitucional e essa Carta é a base de nossa felicidade, a base de nossa garantia e de nossa vida. Sem Constituição ficaremos à mercê de verdugos. Nossa Pátria será vendida e escravizada sem que possamos evitar. Unamo-nos pois e defendamos unidas a Constituição, lutando denodadamente contra a cassação de mandatos. Esse o problema desta hora. Essa a realização deste momento. Que não fique apenas em nós a convicção dessa monstruosidade, que a façamos pública e organizemo-nos em defesa da Pátria.

## MUNDO DE HOJE



A luta mundial pela democracia, pela liberdade e pela independência prossegue firme, inabalavelmente, em todos os países. Na França e na Itália toma ela, neste momento, características mais agudas e mais graves. Nesses dois países os campos se definem; não é mais possível à reação esconder os seus planos tenebrosos e não é também mais possível àqueles povos deixar cair a cabeça impotente diante da agressividade dos inimigos de todas as liberdades.

Um povo que luta pela sua liberdade é invencível, dizia um manifesto publicado por mulheres contra a guerra. E esse grito aqui como em todas as partes do mundo, encontra eco em todos os corações femininos. Também a nós brasileiras o problema se impõe cada dia mais forte e mais claro: a luta pela nossa Constituição, a luta pela nossa liberdade exige que unidas, sejamos invencíveis. Não poderemos esquecer os negros dias pas-

sados sem garantias, com as nossas vidas a mercê de indivíduos sem escrúpulos e sem moral, nossas casas — tão feitas à nosso modo, tão parecidas conosco — invalidas a qualquer hora da noite, vasculhadas e roubadas. Contra tudo isso devemos unir-nos. Para que isso não mais aconteça só temos esse caminho: o de união, o de defesa de nossa Carta Constitucional. Só seremos respeitadas se fizermos com que nossa Constituição seja respeitada. Não devemos esquecer isso um minuto sequer.

★

No acêso da guerra na Indonésia, as mulheres de uma organização feminina intitulada Pemuda Puteri Indonésia, agradeceram ao Movimento Neerlandês de Mulheres a campanha contra a guerra dizendo: "É confortável ver uma ação concreta nessa época de belas frases ocas e de belas promessas vãs. Essa ação é importante para nós pois prova a compreensão total e clara do problema, demonstrando ainda uma

## MUNDO DE HOJE

### ENEIDA

grande valentia. Quanto a nós, compreendemos que nossa independência cria mais problemas materiais e morais para vocês que para nós; pois, para nós a questão é simples: desejamos ser independentes, pois, essa é a única maneira humana de viver e estamos dispostas a tudo sacrificar, até a nossa própria vida, em defesa desse princípio. "Nossa organização — dizem essas valorosas lutadoras democráticas — se compõe de mulheres jovens que se propuseram, como principal tarefa, a reconstrução de seu país. A mulher da Indonésia não luta hoje pelos seus direitos, pois que sua Constituição lhe reconhece inteira igualdade com os homens. Mas luta contra a opressão feudal e colonial que suporta há séculos; a mulher indonésia está ainda em situação de doloroso atraso. Por isso, atualmente nos esforçamos para dar às mulheres em geral a consciência de seu valor e do papel que têm a desempenhar na sociedade. Nossa organização possui seções até

nas aldeias mais atrasadas do país; nossas mulheres e moças fora de seus próprios trabalhos, consagram seu tempo à luta contra o analfabetismo, à educação social e política das mulheres."

A nós brasileiras esse documento dá uma lição: a da firmeza democrática das mulheres de todo o mundo em defesa da liberdade humana e da independência nacional. Esses pequenos documentos tão simples de linguagem e tão profundos, valem para nós, como exemplos a seguir. A grande lição das mulheres que se unem para defender seu povo, único meio de defender a si próprias.

★

Outro exemplo, esse mais perto de nós: A seção de Cuzco, da "Ação Feminina Peruana", dando um balanço em seus trabalhos declara: "lutamos ativamente contra a ação dos reacionários do Perú que são agentes da doutrina Truman e querem liquidar com a independência econômica de nosso país em bene-

## MUNDO DE HOJE

fício dos Estados Unidos. Aqui são empregados abertamente os métodos terroristas: incêndios, assassinatos, prisões, espancamentos".

Mas as mulheres do Perú se mantêm alertas e valorosas na luta contra a escravização.

★

E lembramos agora vocês, amigas de Alagoas. Lembramos uma serena e doce mulher que há um ano atrás conversava conosco em Maceió. Contava-nos sua vida que começava às seis da manhã, num trabalho incessante, e corria pela noite a dentro no mesmo trabalho. Naquele momento fora aprovada a Constituição. Sua voz cantante e firme declarava: agora tenho certeza de que vai haver democracia no Brasil. Vou lutar por essa Democracia de todas as formas que puder. Estou cansada de sofrimento; preciso ver todo mundo feliz." Vão aqui, para você, querida amiga, o abraço de sempre, nessa hora tão dolorosa para Alagoas e para o Brasil.



# A Volta Do Filho Pródigo

ELIEZER BURLA

Estou exatamente a três mil milhas da pátria. Não tardará muito e poderei rever antigas paisagens, velhos amigos, os lugares onde passei, amei, e sofri outrora. Ouço o vento que assovia sobre o tombadilho, e o ruído cortante das ondas que a prôa separa em estrias brancas e espumosas. E' noite. Da escotilha vejo as escuras inóveis no céu escuro. Serão as mesmas que brilhavam sobre a minha terra natal? Estarão no mesmo lugar onde as vi pela primeira vez, quando meus olhos de criança aprenderam a distinguir as coisas? Não sei. De regresso à pátria sinto uma estranha melancolia dominar-me por completo. Estarei triste ou alegre? Devia estar alegre? Devia...

Da mala grande retiro uma caixa que há anos não abro. É a caixa das recordações. Quando iniciiei a grande jornada quis desligar-me de parentes e amigos, esquecê-los, odiá-los mesmo para não permitir que a ternura fizesse e morecer a minha determinação.

Mas, no último momento, não pude resistir. Algumas fotografias, umas medalhas, recordações de infância — foram encerradas numa caixinha que atirei num canto de mala. Algum dia (penso) quando a morte se aproximar de mim, quero ter ao meu lado as coisas que pertenciam aos entes queridos. Abria-a uma vez quando me encontrei em terra estranha, sem arrimo, sem conhecidos, sem nada que me pudesse valer. Depois, muito mais tarde, quando fui ferido numa revolução. Depois na prisão onde me atiraram como agitador, condenando-me à morte. E agora, num compartimento de terceira classe, de volta à pátria.

A medalhinha dourada que abro, traz, no seu interior, um retrato oval: minha mãe e eu, aos três anos. Dois rostos morenos cujos cabelos se confundem na mesma expressão de ternura. Recordo um trecho da carta de meu irmão: "Ela morreu em setembro, num dia de sol. Pedeu teu retrato e ficou longamente chorando. Depois pediu que te procurássemos, que te disséssemos — de sua parte — que teu lugar era aqui, nesta casa e nesta terra que te viu nascer... Que um homem só encontra a paz quando está com o coração tranquilo e a consciência limpa... Nos últimos segundos ainda falou de ti. Abençoou-te... "Pobre mãe querida! Se ela soubesse o que vi e ouvi em países distantes, os sofrimentos por que passei, as baixezas que descobri... E que agora volto cansado e triste à pátria, cansado de tanta viagem, triste de tanta miséria..."

O sino de bordo bate três vezes. Deve ser tarde. Ouço distintamente o resfolegar das máquinas e os passos do vigia no tombadilho sobre a minha cabeça. A calma começa a me exasperar, evoca em mim, por espírito de contradição, recordações de outras noites, de outros momentos. Fechando os olhos revejo as fugas pelas montanhas, perseguido por reacionários ferozes; as escapadas desesperadas; a luta contra a fome e a sede numa cidade sitiada... A morte do adolescente chinês, cuspidor de sangue e murmurando: "Digam que não tive medo de morrer... que não fui covarde... contem...". Outro quadro: Lopez segurando uma granada prestes a explodir e exortando-nos a fugir... Quantas vidas tenho vivido desde que fugi de casa!

Remexo as bugigangas da caixa. No fundo, um envelope amarelado, lacrado. Nunca mais tive coragem de abri-lo. Mas agora que estou de volta, quero sentir-me mais prô, mais ligado à terra que me viu nascer. E' preciso que recorde, que me reintegre na paisagem natal. Com mãos nervosas abro o envelope. Descubro um retrato e uma carta. O retrato é de Ana-Maria, a carta é minha, escrita quando nos separamos e que nunca chegou ao seu destino.

Ana-Maria sorri. Seus cabelos pretos caem soltos sobre os ombros. Tem olhos escuros, sorridentes, quase maliciosos, sob as sobrancelhas finas, repuxadas um pouco para cima. O nariz arrebitado dá-lhe um ar infantil que os lábios vermelhos e pequenos acentuam. Do lóbulo da orelha esquerda pende um brinco em forma de ostra marinha. Sorri. No reverso da fotografia, uma dedicatória: "Tua para sempre — Ana-Maria".

Foi num domingo à noite, lembro-me, quando nos encontramos na nossa ruazinha escura. Vinhamos de mãos dadas, rindo sem dizer nada, de pura felicidade. De repente ela me disse:

— Tenho uma coisa para te dar...

— A mim, querida?

— Sim, é o meu retrato.

Vinha protelando a oferta havia muito.

— Não tenho nenhum bom, desculpava-se. "Tras assim mesmo, Ana-Maria!"

— Não, meus retratos são muito felos, são muito parecidos comigo...

E afinal ela me oferecia de repente, com hesitação que davam um ar de mistério, de cumplicidade ao ato.

— Não olha agora, não. Atrás tem escrito uma dedicatória.

Diante do primeiro lampião paramos e eu fiz questão de ler alto: "Tua, para sempre..." Ana-Maria corava. E eu, subitamente enleado, não sabia se a beijava na frente de todo o mundo, se lhe confessava meu amor, que era tão grande, tão profundo, que nem a morte extinguiria...

A emoção invade-me de novo. Qual terá sido o destino de Ana-Maria? Provavelmente casou-se com



aquele oficial de quem era noiva quando rompemos. Agora é Major de Tal, ou Senhora Coronel Sierano. Seus cabelos pretos continuarão com o mesmo brilho, penteados em ondas onde o observador descobrirá alguns fios brancos mal camuflados. Ao sorrir mostrará todos os dentes superiores, brancos e lisos, e que tanto encanto lhe dão a fisionomia. Não terá mais a garota ingênua, um tanto atirada de antigamente. Comparecerá a chás, a festas oficiais e à abertura das temporadas líricas. E nem se lembrará que um dia jurou ser eternamente minha...

Abro a carta e vou lendo alguns trechos que a custo consigo decifrar. Recordo que a escrevi numa noite, com febre alta e uma grande tristeza no coração.

"Bem sei que a empresa é arriscada, que se é ne-

## CONFERÊNCIA DE "MOMENTO FEMININO"



**Podemos afinal comunicar as nossas amigas que a já anunciada conferência da líder boliviana Hortência I. L. Terrazas sob o tema "Influência da Cultura na Mulher Sul-Americana" realiza-se no dia 28 do corrente às 17,30 horas no Instituto dos Arquitetos (Edifício Odeon).**

**Os convites para essa conferência podem ser procurados a qualquer hora em nossa redação.**

**Esperamos o comparecimento de todas vocês, amigas.**

cessário afrontar a opinião pública. Bem sei que o sacrifício de se viver a vida em liberdade exige coragem e desprezo pelas convenções. Mas por que não terás tu também esta coragem e este despreendimento e, ao meu lado, arrostar a fúria dos tiranos? O', querida, não posso me conformar ao pensamento de que uma simples recusa nos possa separar para sempre! Somos jovens bastante para pensar no futuro e amecarhar economia para a velhice. Deixemos isso para os outros, incapazes de pensar pela própria cabeça e de abjurar o legado de infâmias que o passado lhes deixou..."

Como parecia falso tudo aquilo, depois do que já me havia acontecido! Deixo a carta de lado, enfito o rosto na escotilha e aspiro o ar salgado que vem da noite.

Também Maria, a outra Maria, gostava que o vento do mar lhe acariciasse o rosto e lhe enrijasse os músculos dos braços. Ela dizia que o maior presente da vida estava nisso: no ar, no sol e na água. E por isso arriscava-se valentemente pela nossa causa, sempre sorrindo, sempre esperançosa no triunfo final. Quando descansávamos, por alguns dias, numa aldeia suja e triste do interior, costumava chamar-me para escalar-mos as montanhas. E lá em cima começava a rir e a gritar como uma criança, dizendo-me:

— Olha, temos o mundo aos nossos pés!

E assim como era na luta cotidiana, também era no amor. Sua valência, sua coragem, seu despreendimento — diluíam-se sob o leve sopro do amor. Os olhos unedeciam-se, os lábios se entreabriam, o corpo relaxava, e ela toda era a bandeira da rendição...

— Somos dois fugitivos, dois renegados... Por que eu também não tive paciência de esperar pelo futuro, quis sentir que estava vivendo plenamente todos os dias que se passavam. Outras amigas ficaram esperando durante anos que o amor lhes batesse à porta, e tranquilamente aguardaram o transcorrer da vida... Como me horrorizava tudo aquilo! Era como um suicídio lento, uma morte a prestações... Então jurei comigo mesma que a vida não me colheria de surpresa, que a morte não teria o prazer de me arrastar as energias aos pedacinhos. Arrisquei tudo, e aqui estou...

Admirável mulher! Dela guardo apenas a madeira do cabelo. Um cabelo liso e macio, e que tanto me agradava acariciar. Ela, porém, também se foi. Recordo...

Estávamos cercados, ou melhor, encurralados, num pequeno vale. O inimigo conseguira reforços poderosos, e, segundo afirmavam, até tanques e aviões haviam chegado para nos destruir. Morley nos reuniu à sua volta.

— Esta será provavelmente a nossa última batalha, companheiros... — Sua voz outrora tão enérgica estava cansada e triste. E' preciso, porém, que nosso herói seja uma lição para os que ainda hesitam. Em hipótese alguma devemos nos entregar, e se alguém escapar com vida que assuma conosco o compromisso de contar ao povo como lutamos e morremos. Esta idéia não deve desaparecer!

Cogiamos, depois disso, dos planos de combate. Evidentemente estávamos perdidos. A única chance seria uma arrancada de surpresa. Morley pediu um voluntário para fazer o reconhecimento. Maria avançou ligeira, o eterno sorriso nos lábios, os olhos acesos.

— Eu!

— Tu, não, Maria...

Querida poupá-la até o último instante, mas aquela negativa souo como um insulto e Maria imediatamente se rebelou.

— Sou um soldado igual aos outros. Não aceito favores!

Foi. Fez um bonito trabalho mas, na volta, quando escalava o monte, foi percebida e atirada. Morreu no dia seguinte, rodeada por todos os companheiros. No último instante pediu que nos deixassem a sós.

— Escuta, forasteiro (era assim que gostava de me chamar), antes de morrer quero te dizer uma coisa que venho pensando há muito tempo... Quero te dizer obrigado, porque tendo casa e família tudo deixaste para nos ajudar...

— Não fales, Maria...

— Escuta... jamais esperes dizer a qualquer homem que o amava. Mesmo quando me possuía, eu nada te dizia, porque tinha medo de que a simples confissão de amor quebrasse entre nós toda a afecção... nos cercasse a liberdade, e te obrigasse a ter outros compromissos comigo... Mas agora posso confiar. Amo-te, forasteiro! Amo-te, porque és um homem!...

Ana-Maria, Maria... Uma nada me deu, a outra me deu até demais. Mas ambas pertencem ao passado, ao passado que não voltará jamais.

Fecho a caixa. Não quero saber de outras recordações. Dentro em pouco pisarei o solo pátrio, reverei as antigas paisagens de minha adolescência. Ninguém me esperará no cais, ninguém providenciará com emoção o meu nome quando desembarcar. Continuarei sendo um estrangeiro... mesmo em meu próprio país... Mas não! Aqui também o povo luta e sofre! Aqui também haverá um lugar para mim! Há um lugar à minha espera na batalha. Corrijo, acelero as máquinas: o filho pródigo está de volta!



# A RESPOSTA DAS MULHERES PAULISTAS, NAS URNAS

Chegamos a São Paulo, uma semana depois das eleições, e ainda tivemos oportunidade de sentir o que havia realizado o povo paulista, em sua campanha eleitoral. Faixas, paredes, ruas, muros, pontes, tudo estava pintado. Nomes de candidatos, programas e cartazes por todos os lados. A luta pela Câmara Municipal, na Capital Paulista, foi ardorosa. Centenas de candidatos se apresentaram nas chapas dos diversos partidos. Em quase todas as chapas figuravam nomes de mulheres. Fomos procurar a candidata mais votada, Elisa Kaufman Abramovitch a fim de que dissesse alguma coisa para o "MOMENTO FEMININO".

## COMO É DIFÍCIL UMA CAMPANHA ELEITORAL...

Fomos encontrar Elisa Kaufman em seu apartamento, no Bom Retiro. Elisa, é simpática, agradável, e possui uma cabeleira que chama logo a atenção... é toda vermelha!

— Quase que na cédula o pessoal punha o meu apelido: "Elisa, vermelhinha". Todo o mundo me chama assim.

Aliás, nada mais justo... O nome devia mesmo ser Elisa, vermelhinha. No pequeno apartamento de Elisa, encontramos também suas duas filhinhas, Fani e Irene, ambas engraadinhas, mas infelizmente sem os cabelos vermelhos da mãe. Também encontramos a Sra. Kaufman, mãe de Elisa, uma senhora alegre e feliz com a vitória da filha.

— Se não fosse mamãe eu não sei como me arranjaria! Trabalho fora, sou orientadora educacional, e minhas filhas vão para a creche onde ficam o dia todo. Mesmo assim, só com o auxílio de mamãe é que pude fazer a minha campanha eleitoral. Hoje em dia tudo é difícil. Os problemas da casa, a luta de todas as mulheres, e a educação de minhas filhas, tudo isso faço com o auxílio de mamãe.

— O que você achou da campanha eleitoral, Elisa?

— Francamente, no início achei que era difícil ser eleita. Você sabe muito bem como são essas coisas. Quando meu nome foi indicado para a chapa do PST, pensei logo nas imensas dificuldades e na responsabilidade que me cabia. Eu sou mulher, e a campanha eleitoral é dura. A princípio o trabalho estava fraco. Mas depois fomos nos animando. Organizamos 6 comissões de candidaturas formadas por jovens e mais 6 comissões femininas. Imagine você que fizemos 1.600 visitas domiciliares, apresentando o meu programa mínimo para a Câmara Municipal de São Paulo. Organizamos um churrasco, um baile, festinhas domiciliares, enfim... Tudo o que foi possível.

## ÓLEO NAO HA PAO SO' MIXTO. CARNE SO' NA FILA

— Quais foram as suas experiências? Você pode nos contar alguma coisa de interessante sobre a campanha?

— Aconteceram muitas coisas. Por exemplo, saí com um caminhão que estava a minha disposição e percorri os bairros da cidade. Parávamos em cada esquina e organizávamos pequenos comícios relâmpagos, falando diretamente com os operários, donas de casa e todos os que passavam



Elisa Kaufman, a candidata mais votada em S. Paulo

por ali. Tivemos assim oportunidade de conhecer bem de perto as dificuldades das mulheres paulistas. Além disso, fomos a diversas feiras. Levamos um cartaz muito sugestivo. Como está havendo falta de muitos produtos, pregamos no cartaz uma lata de óleo, vazia e em baixo estava escrito: ÓLEO NAO HA. Pregamos um pãozinho com a legenda: PAO SO' MIXTO, e em baixo de um desenho, escrevemos CARNE SO' NA FILA.

Essas são as reivindicações do povo e assim conseguimos levantar os problemas mais sentidos.

— A sua campanha sofreu algum contratempo?

— Bem, o clima aqui em São Paulo, durante a campanha eleitoral, estava carregado... Na feira do Arouche, por exemplo, onde residem apenas famílias abastadas, alguns provocadores tentaram nos assustar mas soubemos reagir. Coltra a verdade de nossas palavras o grupo de provocadores se dissolveu e assim pudemos prosseguir a nossa campanha. Mas o que mais me impres-

sionou foi o entusiasmo de todos nos últimos dias da campanha. As mulheres de São Paulo, souberam corresponder à nossa expectativa e num trabalho incansável trabalharam durante dias e dias, pela minha candidatura.

## CANDIDATA POPULAR

— Como candidata popular, apresentei a minha plataforma ao povo. Aliás, você pode ver aqui, qual era o lema dos candidatos do povo. Transcreva isso para o "MOMENTO FEMININO":

"Ser candidata do povo, é lutar sempre pelos interesses do Povo, como tem feito os Deputados do povo nas Câmaras Federal e Estadual, que coerentes como o programa pelo qual foram eleitos têm se batido intransigentemente pela: Defesa da Indústria Nacional — Defesa do Petróleo — Defesa da Constituição e da Legalidade Democrática — Defesa da Autonomia das grandes cidades, inclusive São Paulo — Defesa de melhores condições de vida para os trabalhadores e o povo em geral — Abono de Natal — Descanço semanal remunerado — Aumento geral dos salários".

— Este foi o lema pelo qual lutamos. E o povo compreendeu, dando nas urnas a resposta aos provocadores, aos partidários da ditadura.

## VEREADORA MAIS VOTADA

— O que você pretende fazer na Câmara Municipal de São Paulo?

— Além os pontos que falamos antes, pretendo curpir rigorosamente o programa que elaborei antes das eleições. Nele estão incluídas, além das reivindicações especificamente femininas, como creches, escolas, maternidades, hospitais, colônias de férias, etc., as reivindicações do bairro onde moro e pelo qual fui eleita. Assim é que temos um programa para o calçamento das ruas, canalização das águas pluviais do Rio Tietê, saneamento da várzea do Bom Retiro para a construção de campos esportivos, loteamento de terras, para a construção de casas populares, mais linhas de bondes, parque infantil, creche, biblioteca infantil, policiamento mais eficiente, principalmente noturno, instalação de uma feira livre, aumento da produção com a criação de chácaras com facilidades de crédito.

— E' um programa bem extenso, não é mesmo?

— Não há dúvida, mas tenho certeza de que os milhares de eleitores que votaram em mim, acreditam em nosso programa. E por ele lutaremos, pode ser certeza.

Não tive dúvida alguma em acreditar nas palavras de Elisa Kaufman. Ela é uma verdadeira expressão da vontade popular e saberá corresponder ao que o povo espera da candidata feminina mais votada em São Paulo.

E com essa certeza nos despedimos de Elisa, e sua família, que, por intermédio do "MOMENTO FEMININO" enviam as suas saudações democráticas às mulheres cariocas e o exemplo que acabam de dar, as mulheres de São Paulo.

## Curiosidades De Nosso Idioma

Vamos hoje dar a significação primitiva de vários vocabulários da língua portuguesa que, com o correr dos tempos, foram mudando de sentido ou sendo empregados numa única acepção das várias que anteriormente possuíam. Assim, por

### Lia Corrêa Dutra

exemplo, a palavra saúde — a princípio queria dizer salvação, tanto do corpo como do espírito. Foi só na primeira acepção que continuou na língua.

Soldado era aquele que recebia soldo, pagamento. O soldo (ou a soldada) tanto era o pagamento do militar como do artesão e do criado. Passou a significar apenas o pagamento do militar, e o militar, que recebe o "soldo" ou a "soldada", passou a ser conhecido pelo nome de "SOLDADO".

SALÁRIO — Queria dizer: "quantidade de sal dada em retribuição de um serviço" (e não devemos esquecer que houve um tempo em que o sal era tão raro que mais valia receber um punhadinho de sal do que dinheiro). Hoje é o pagamento, em dinheiro, dos operários, dos que trabalham para um patrão.

Mas, já que estamos falando em operários, soldos e salários, examinemos também a palavra PROLETÁRIO, que vai crescendo dentro da língua a pon-

to de ameaçar o seu sinônimo operário. PROLETÁRIO, hoje empregado no sentido de operário, de trabalhador, em latim queria significar os membros da classe pobre e já significou, mais remotamente, aquele que tinha muitos filhos, o pai de uma grande prole. Como, em geral, os mais pobres é que tinham maior número de filhos, o termo se generalizou, estendeu-se a toda a classe e passou, afinal, a designar o operário. E proletariado passou a significar toda a classe operária.

RUBRICA, hoje assinatura, queria dizer "o que era escrito com tinta vermelha", (geralmente os títulos dos capítulos); antes, fora "tinta vermelha", e, anteriormente ainda "terra vermelha". Como a "tinta vermelha" era feita com essa "terra vermelha", foi muito fácil o contágio. E como se passou a assinar com essa tinta vermelha, feita dessa terra vermelha, a assinatura, por sua vez, sofreu o contágio. E hoje, tendo deixado suas acepções primitivas, RUBRICA significa apenas: assinatura.

## Distribuidora Unidade

OBRAS SOCIAIS — REVISTAS E JORNAIS

Aceita todo e qualquer pedido de livros pelo serviço de

REEMBOLSO POSTAL

RUA GENERAL CAMARA, 381, 1.º AND.

PORTO ALEGRE

## GELADEIRA

"Crosley-Shelvados" de luxo

7 PÉS CUBICOS

Preço de tabela e pronta entrega

Av. Graça Aranha, 206 -- 3.º and. -- Sala 310

Tel. 22-6797



# Coisas Que Aconteceram

(DOS JORNAIS)

## AOS 79 ANOS "VOLUNTÁRIO" DA CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Muitos episódios dignos de nota têm sido registrados no desenvolvimento da Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos. Agora, por exemplo, inscreveu-se como professor voluntário do patriótico movimento o sr. Jacinto Agostinho Levi, em Analândia, Estado de São Paulo. O professor Levi, que é do magistério primário, aposentara-se após haver prestado 40 anos de bons serviços a ensino, e volta à atividade aos 79 anos de idade, dedicando-se inteiramente à tarefa de contribuir para redução do analfabetismo no país, que constitui o nosso maior problema.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

LITERATURA — n.º 5 — Direção de Astorjildo Pereira. ITAPUCA — n.º 4 — Niterói — Direção de Venâncio Garcia, Moacir Ferreira, Jayme Ferreira — Diretora Feminina Astrá Antônia Garcia de Moura. FEMMES FRANÇAISES — n.º 152 — outubro de 1947 — Semanário publicado pela "Union des Femmes Françaises".

MUJERES ANTI-FASCISTAS ESPANHOLAS — número de setembro de 1947, Publicação da União de Mulheres Espanholas, sediada em Paris.

## REGRESSA DA EUROPA A RAINHA DOS AEROVIÁRIOS DO BRASIL

Procedente de Lisboa, pelo transatlântico Bandeirante da frota europeia da Panair do Brasil, regressou, ontem, a srta. Lina Moreira, que assim encerrou a viagem-prêmio com que a principal organização nacional de transportes aéreos, a cujos quadros funcionais pertence, a distinguiu por ocasião do recente pleito em que foi eleita rainha dos aeroviários brasileiros. A srta. Lina Moreira realizou uma viagem em Paris, na Riviera francesa e no Estoril, tendo sido alvo de várias homenagens por parte da colônia brasileira nos países visitados e foi recebida por numerosas figuras dos círculos aeroviários.

## SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES

Realizaram-se nesta semana, no Museu Nacional de Belas Artes, as eleições para um membro da Comissão Organizadora da Divisão Geral, em substituição ao sr. Luiz Kattenbach, por ter este recusado e para os membros dos jurís representantes dos artistas nas diversas seções das Divisões Geral e Moderna. O resultado foi o seguinte:

Para membro da Comissão Organizadora da Divisão Geral foi eleito o sr. João José Rescala.

Para os jurís da Divisão Geral: Pintura, sr. Cadmo Fausto; Escultura, sr. Paulo Mazzucchelli; Desenho e Artes Gráficas: houve empate entre os srs. Kattenbach e Almeida Junior devendo o caso ser resolvido pelo ministro; Arte aplicada, sr. Guttman Bicho; Gravura, sr. Manoel Silveira. Arquitetura, sr. Carlos Kronauer.

Para os jurís da Divisão Moderna: Pintura, sr. Joaquim Tenreiro; Escultura, sr. Percy Lau; Desenho e Artes Gráficas, sr. Ubi Bava; Arte aplicada, sr. Oscar Meira.



Maria Cortassi, a segunda das candidatas mais votadas. Possivelmente Maria Cortassi será vencedora pois é candidata do partido majoritário na capital bandeirante.



## O CASAMENTO DA PRINCESA ELIZABETH

Apesar do casamento da princesa ser ocasião de grande regozijo, o mesmo se caracterizará pela simplicidade. Conquanto, dificilmente, se encontre um súdito britânico que não julgue que o acontecimento deva ser celebrado com toda a pompa — muitos, na verdade, não se tenha um cerimonial com a pompa de antes da guerra. Suas Majestades insistiram que a celebração está de acordo com as condições resultantes da crise econômica. Por essa razão não haverá pavilhões públicos — normalmente construídos pelo Departamento de Obras — ao longo do itinerário seguido pelo cortejo real. Além disso, não foram concedidas licenças para a construção de pavilhões particulares. A multidão, contudo, poderá ficar bem acomodada nas ruas e nas janelas das casas vizinhas, de maneira que não ficarão decepcionadas os milhares de pessoas ansiosas por assistir o cortejo.

Haverá novo reflexo da gravidade da situação econômica na recepção no Palácio de Buckingham, depois da cerimônia da Abadia. Serão apenas servidas refeições ligeiras em vez do banquete grandioso que se realiza nessas ocasiões.

Também devido à crise, os jovens nubentes não farão a viagem de nupcias ao exterior. Esse fato causou grande des-

pontamento aos povos da Comunidade Britânica, que esperavam hospedá-los durante a sua lua de mel. Por outro lado, serve mais uma vez, para demonstrar a preocupação da Família Real pelas dificuldades que o povo britânico está atravessando.

De qualquer maneira, a despeito das restrições impostas pela crise, o acontecimento será Abadia de Westminster será rico de colorido e de pitoresco e os londrinos, que muito apreciam esses acontecimentos, terão ocasião de esquecer um pouco as auras do presente num espetáculo belo, e ao mesmo tempo, tão grato para seus corações.

Sabe-se que a princesa irá para a Abadia numa carruagem aberta, a não ser que as condições atmosféricas imponham o contrário, de maneira que possa ser vista pelo povo.

O itinerário será o seguido por muitos outros cortejos reais. As carruagens, depois de sair do Palácio de Buckingham, seguirão pelo Mall, passarão sob o Arco do Almirantado, em seguida dobrarão à direita e seguirão o Whitehall e Parliament Street até a Abadia, onde a cerimônia se realizará às 11.30 horas.

O regresso ao Palácio, depois da cerimônia, seguirá o mesmo itinerário ao longo da qual formarão contingentes das três forças armadas. A escolta montada será da "Household Cavalry".

A princesa será acompanhada por oito damas e dois pagens, de acordo com a tradição. A frente das damas de honor estará a Princesa Margaret. Os dois pagens serão o Príncipe William de Gloucester e o Príncipe Michael de Kent, primos da princesa.

### DR. HENRIQUE BASILIO RAIOS X

Avenida Nilo Peçanha, 155, 9.º andar - Sala 902 — Telefone: 42-4545 —

### MOMENTO feminino

EXPEDIENTE Diretora:

ARCELINA MOCHEL

Gerente:

LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração: RUA DO LAVRADIO, 55 Sala 14 — Cr. Postal, 2013 Rio de Janeiro

Número Avulso . Cr\$ 1,00 Atrasado ..... Cr\$ 2,00

## A FESTA DA BANDEIRA

Comemoramos dia 19 do corrente, em todo o país o dia da Bandeira. Várias festas oficiais se realizaram nesta capital sem que, no entanto, tivessem a assisti-la o povo em geral.

Aprendemos desde cedo a amar a bandeira brasileira; aprendemos a amá-la nas descrições das cores, na interpretação das estrelas, no orgulho da legenda "Ordem e Progresso" que os positivistas proclamadores da República nela gravaram. Infelizmente a comemoração deste ano realizou-se numa hora sombria para os destinos democráticos de nossa pátria. O povo não a festejou com a existência de uma ordem democrática, com o progresso real de nossa economia, e de nossa cultura. O verde de nossa bandeira lembra as terras abandonadas e incultas escravizadas ainda ao latifúndio. O azul de nosso céu é como um pedido urgente para nossa liberdade econômica. O amarelo ouro de nossas riquezas exige que tudo isso seja nosso e não deixemos que imperialistas tudo nos roubem.

Temos certeza que ainda há de pairar um dia, bandeira de nossa pátria, com o teu verde e o teu amarelo sobre este grande Brasil democrata, livre e progressista.

### Suzanna Martins Britto

CIRURGIA-DENTISTA

Consultório:

RUA PEDRO I - N.º 23

Fone: 22-5380

### LUIZ WERNECK DE CASTRO ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2 Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 19 horas

Exceto aos sábados — Fone: 23-1064 —

### CLINICA DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG

2as, 4as e 6as-feiras — Das 15 às 18 horas

Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID

3as. — 5as e Sábados — Das 16 às 18 horas

EDIFÍCIO DARKE — Sala 1.825 — 32-7709

AV. 13 DE MAIO — N.º 23 — 18.º andar

### Dr. JOELSON AMADO

CLÍNICA DE CRIANÇAS

— FISIOTERAPIA —

PRAÇA SANS PENA, 31

1.º andar

Telefone 48-3546

Diariamente das 14 às 18 horas

### DR. URANDOLO FONSECA

CIRURGIA GERAL

Consultas diárias das 15 às 17 horas — Tel. 25-4242

CASA DE SAÚDE SANTA MARIA

— LARANJEIRAS, 72 —



# CARTA ABERTA

## MEDICINA E SAÚDE



Amigas:

Está terminando o quarto mês de existência de nosso jornal e não fizemos ainda um balanço de nossas realizações nem pesamos nossas fraquezas. Em nosso primeiro número dissemos a todas vocês, fraternalmente, o que pretendemos e a razão da vida de um jornal como MOMENTO FEMININO. Arcelina declarava em nosso nome: Nenhuma vaidade nos empolga. Conscientes de nossas responsabilidades como colaboradoras indispensáveis em todos os momentos da vida nacional, necessitamos também de uma arma na imprensa, capaz de atrair todas as mulheres para que junto marchemos em direção a um objetivo comum: a conquista da alegria, do saber, da felicidade e do bem estar. Dizíamos o que repetimos hoje: Não fugiremos à crítica. Aceitamo-la serenamente para balanço de nossos experiências e a utilizaremos para edificar algo de útil, de produtivo, de honesto.

Inteligentemente os lados negativos de nosso jornal não estão sendo vencidos como desejávamos. Preocupadas em dar a MOMENTO FEMININO um caráter amplo e instrutivo, cuidando sempre para que em suas páginas se encontrem todos os assuntos que interessem a mulher, desde a maneira de polir metais, de limpar a pele, de fazer vestidos, de preparar quitutes até os problemas da arte em geral e da política em particular, sentimos muitas vezes a falta de ajuda de todas vocês, amigas, principalmente porque pretendemos que um jornal como o nosso seja, na realidade, o eco sentido de todos os problemas atuais. Várias vezes pedimos, a vocês, colaborações. Gostaríamos de saber como se vive, quais as reivindicações da população deste, daquele ou daquele outro subúrbio carioca. Gostaríamos de saber o que pensam as amigas do Amazonas, da Bahia, do Rio Grande do Sul, ou de qualquer outro estado, sobre os problemas de sua região. Queríamos que MOMENTO FEMININO estabelecesse, através de suas notícias ou de suas reportagens, a grande fraternidade das mulheres do Brasil. Que todos os problemas ficassem sentidos e portanto unidos num só problema: o de defesa da democracia brasileira, de combate à miséria e às desgraças. Isso até hoje, apesar dos vários apêlos feitos, não

foi por nós conseguido. E a melhor maneira para atingir essa finalidade, será a difusão de nosso jornal. O noticiário que nos chega, principalmente das atividades das Uniãos Femininas dos bairros é pouco, disperso e falho. Esse erro poderia ser vencido se cada união designar uma correspondente junto ao nosso jornal se encarregar uma das amigas para nos trazer pontualmente as realizações e os planos de trabalho dessas organizações. MOMENTO FEMININO não tem um corpo redacional suficiente para destacar uma de suas redatoras exclusivamente para esse fim. Cabe às Uniãos a resolução de ajudar-nos quanto ao noticiário.

Outros problemas sérios, graves e que pedem solução imediata são: o da divulgação do jornal; das assinaturas e dos anúncios. Como poderemos viver sem isso? A distribuição do jornal nas bancas é deficiente não porque assim o desejamos, mas porque infelizmente até o momento presente não conseguimos acertar ou fazer com que os jornalistas se interessem pelo MOMENTO FEMININO. Esse obstáculo poderá ser vencido se as Uniãos Femininas, e vocês, amigas, organizarem a venda individual, se vocês resolverem que nosso jornal deve ser profusamente lido por todas as mulheres. Temos já um grupo de amigas que promove essa venda individual, mas seu número é ainda muito pequeno e, portanto, seus resultados mínimos. O problema das assinaturas não foi ainda compreendido. Desde nossos primeiros números insistimos junto a vocês para a criação dos grupos de "Amigas de MOMENTO FEMININO" cuja tarefa seria sobretudo a de trazer assinantes para o jornal. Essa tarefa é cada dia mais urgente e sua realização está a exigir de todas nós, a maior dedicação. No terreno de anúncios — e vocês todas sabem o quanto isso é importante para manter um jornal — nossas agentes não corresponderam de nenhum modo ao que traçamos, quanto à publicação.

Por tudo isso, amigas, conversamos hoje com vocês. MOMENTO FEMININO tem que viver, precisa viver e melhorar e progredir, e avançar sempre. Sua vida depende de nós, depende sobretudo de vocês que são sua base, sua força, seu estêo. Não é possível que um jornal como o nosso continue com sua venda tão pequena, com um número de assinantes tão reduzido, sem anúncios. Não é possível continuarmos a viver sem refletir a vida de vocês nos bairros longínquos ou nos Estados distantes. Pretendemos tanto, desejamos tanto, e esse tanto custa tão pouco. Vocês, amigas, imaginariam já que no dia em que pudermos instalar nossa redação numa boa e ampla sala, organizaremos biblioteca, emprestaremos livros, faremos exposições de pintura, daremos conferências, e realizaremos todo o plano que nós traçamos para que a mulher tenha em MOMENTO FEMININO realmente, um pedacinho de seu lar?

Amigas: esta carta é honesta e simples. Não escondemos de vocês a nossa situação e nosso apêlo é claro demais para não ser atendido. Digam-nos o que está faltando ao nosso jornal; ajudem-nos. Colaborem conosco e creiam que estamos dispostas a aceitar todas as críticas justas e a continuar trabalhando infatigavelmente pelo nosso MOMENTO FEMININO.

## O DOMICILIO CONJUGAL

NICE FIGUEIREDO



Por que a lei atribui ao marido o direito de escolher e fixar o domicílio do casal? Haverá alguma razão de ordem prática que justifique essa prerrogativa? ou ela é uma das múltiplas concessões que ainda se faz ao velho poder marital, tão inexpressível nos nossos dias?

A segunda afirmação diz a verdade, pois mesmo que o marido queira exercer tal direito não poderá fazê-lo, pela simples razão de que, na prática, ele não existe.

Antes da crise de habitação porque passamos, o que se verificava, quando duas pessoas iam casar, era a escolha em conjunto do domicílio conjugal, e, não raro, a predominância da opinião da mulher, uma vez que ela iria ser a dona da casa, portanto, mais credenciada a escolher seu futuro lar. Assim sendo, quem fixava o primeiro domicílio conjugal eram ambos os cônjuges ou, via de regra, a mulher.

Atualmente, nem um nem outro escolhe domicílio, pois têm de aceitar o que lhes aparece.

Uma vez fixado, o domicílio pode ser mudado, mais nunca o é pela vontade exclusiva do marido e sim pelas circunstâncias que criam, tanto para o marido como para a mulher, a necessidade de escolher e fixar nova moradia.

São pois, as circunstâncias, que determinam essa fixação e são marido e mulher, juntos, quem a fazem.

Ora quando a mulher não concorda com a escolha do marido e por isso não o acompanha, na nova moradia,

esta não é mais o domicílio conjugal porque não serve de habitação comum aos cônjuges. O que o marido fixa então é o seu domicílio e o dos filhos, se houver, mas nunca domicílio conjugal. A prova disso está em que o marido não tem outro meio além do convencimento moral e afetivo, para convencer sua mulher a residir na nova habitação que ele ocupa, transformando-a desse modo em domicílio comum. A lei não dá ao marido recurso algum que permita forçar a volta da mulher ao domicílio escolhido e fixado somente por ele, mesmo que a recusa da mulher seja injustificada. O mais que a lei oferece é a possibilidade de invocar o abandono de lar por parte da mulher, devendo, porém, esperar o decurso de dois anos, para poder propor uma ação de desquite com este fundamento. Além de que, esta ação terá de ser proposta no foro em que a mulher estiver domiciliada e não naquele em que o marido fixou o pretense "domicílio conjugal".

A mulher, por sua vez, embora não tenha garantido em lei o direito de estabelecer a moradia do casal como o marido, pode se recusar a segui-lo quando este fixar domicílio em lugar prejudicial à sua saúde, à sua reputação e a conveniência moral.

Nessas circunstâncias, a mulher, também, não pode obrigar o marido a voltar para o domicílio antigo ou para outro qualquer, se não pelo convencimento moral ou afetivo. (Conclui na 11.ª pag.)

Dra. Eline Mochel de Motos

Há pessoas que, periodicamente, apresentam verdadeiros ataques de dor de cabeça acompanhados de náuseas, vômitos mal estar, tonteados, vertigens, etc.

As mulheres, principalmente, são as maiores vítimas dessas perturbações.

Chama-se a este estado de enxaqueca doença bem conhecida por todos nós inclusive os melos granfinos onde ela é muitas vezes motivo de elegantes desculpas...

Uma das coisas mais interessantes na enxaqueca é o seu caráter periódico, de tal forma que às vezes quase chega a ser matemático se apresentando no mesmo dia da semana ou ao mês anterior.

Na maioria dos casos, a enxaqueca acompanha sua vítima durante toda a vida.

Alguns autores acreditam que, nas mulheres, com o aparecimento da menopausa ela desaparece.

A dor de cabeça, na enxaqueca é bem típica: aparece num local fixo nas fronteiras ou na testa e depois se estende a todo o crânio.

O paciente atacado da crise fica preso ao leito durante alguns dias, pois, de fato, a enxaqueca o impossibilita de qualquer ação prática.

Considera-se a enxaqueca hereditária e praticamente de cura muito difícil.

Entretanto, há condições para se melhorarem as crises desde que o portador da doença seja paciente e disciplinado. Em geral são pessoas que têm grande habilidade neuro-vegetativa, portanto sempre sujeitas a ações dos mínimos reflexos ou excitantes que possam fazer aparecer o ataque.

As causas comuns que se supõe, para o aparecimento da enxaqueca, são:

a) As perturbações digestivas. — Qualquer que seja o grau é sempre um motivo para o seu aparecimento. Neste caso devem os doentes ter todo cuidado com os intestinos trazê-los sempre livres, como também procurar ter uma alimentação sadia, simples, de fácil digestão. Evitar comer ovos, chocolates, conservas, frios, mariscos, álcool, gorduras.

b) Emotivas. — nas pessoas de grande sensibilidade neuro-vegetativa.

c) glandular ou endocrina — a mais frequente é a de fundo ovariano; aparece com as regras. As vezes chegam a se curar com uma intensa medicação.

e) De fundo hepático; acredita-se que sejam as mais frequentes.

Diante de um doente em crise de enxaqueca o nosso comportamento deve ser este:

- 1) Aconselhar o repouso absoluto em lugar quieto, se possível escuro.
- 2) Dieta alimentar rigorosa;
- 3) Compressas frias na fronte;
- 4) Cibalena, aspirina ou veramon;
- 5) Medicação dessensibilizante na base de, hipossulfito de magnésio, anacisina, anafila-xina e muitos outros que existem no comércio;
- 6) Medicação hepática;
- 7) Medicação neuro-vegetativa, equilibrante.

Mas, o fundamental é pesquisar a causa para tentar removê-la. A enxaqueca é muito desagradável e sobretudo põe o sistema nervoso do doente em estado deplorável.



# Não Há Água No Morro De Santo Antonio

## A Ameaça De Desabrigo — As Mulheres Sentem a Necessidade De União e Organização

### A SUBIDA DO MORRO

As casas da rua do Lavradio apareciam, agora, confusas e distantes... Bem, estaríamos, realmente, tão longe? Não era tão longe. A subida, através de um corredor húmido e sujo, que se prolonga por uma escada feita pelos pés que se afundam na lama coberta de lixo, é que nos deixara tonta e cansada. E, apenas, levávamos, naquela escalada ao morro de Santo Antonio, uma leve kodak e a bolsa comum. Que nos diriam aquelas mulheres, com os corpos quase completamente expostos à neblina desse comprido inverno, carregando latas com água, pesando vinte quilos? Que nos diriam aquelas garotas, entre 13 e 15 anos, precocemente envelhecidas, carregando o mesmo peso, quando outras de suas idades estariam, àquela hora, nas escolas ou entre quentes cobertores? E aquela velhinha que vinha se arrastando, lá atrás, com o peso da água, com o rosto e ombros completamente molhados, e o peso dos anos? Talvez, nem fosse necessário perguntar-lhes nada, pois o aspecto de cada uma, o cansaço e a amargura que se podiam ler em seus rostos, dariam uma reportagem. Mas, nós queríamos uma reportagem real. Queríamos trazer o pensamento vivo daquelas mulheres, através de suas palavras, para o nosso jornal. Não nos foi possível abordá-

las na subida, pois a lama não deixa ninguém equilibrar-se.

### AS VERDADEIRAS DONAS DO MORRO DE SANTO ANTONIO

De repente, vímo-nos envolvidas por um grupo de mulheres, que já sabiam que eramos de um jornal

Uma deshumanidade da Prefeitura. Nós vivemos doentes, cansadas, desesperadas.

Ainda bem não tínhamos acabado de ouvi-la, uma moreninha simpática, gritava, no meio do grupo:

— Aqui, quem manda é a polícia especial. Depois de

o mundo será de pessoas como você, Augusta. Pessoas que têm coragem de gritar, mesmo quando são vizinhas da Polícia Especial.

### ONDE IREMOS MORAR?

Outro grupo já se formara mais em cima. Mulheres, homens e crianças. Mas, era a hora das mulheres e elas faziam questão disso. Os homens falariam de outra vez. Agora, é Maria do Carmo da Conceição, insistindo para que saibam seu nome, assim como o n.º de seu barraco — 193.

— Nós precisamos de água, é verdade, mas, primeiro, a gente precisa de união, pois sem união não se arranja água. Olhe, dona, estão fazendo sondagem no morro inteiro e de uma hora para outra botam a gente daqui para fora e dina-

porém, a Prefeitura, sob pretexto de que os donos não pagavam imposto, fechou-as. Eles, então, procuraram pagar imposto, porém a Prefeitura recusou-se a receber, fazendo outra alegação: naqueles locais vendiam bebidas alcoólicas. Ora, então, é justo proibir-se, a qualquer pessoa, fazer seu comércio, uma vez que pague os impostos exigidos? Não nos consta que a Prefeitura negasse licença para funcionamento de bares de Copacabana, onde os gratinhos podem beber à vontade, ou em outro qualquer local. Mas, presume-se que fosse justa a proibição de venda de bebidas no morro de Santo Antonio. Por que, nesse caso, proibiu a venda de comestíveis? Para obrigar às mulheres a descerem



E chamam a isto casas...

feminino e queriam prestar informações. E a primeira que fala, uma mulher de meia idade, Sebastiana, diz:

— Dona, diga no seu jornal que nós somos umas sofredoras. Descemos esse morro todos os dias, não sei quantas vezes, arrodamos isso tudo, para ir buscar água na torneira da Polícia. Já assinamos um papel pedindo água e, até agora, nada. Isso é um sofrimento.

10 horas não sobe ninguém. Até uma fala mais alta, dentro de casa, eles botam a porta abaixo e se metem. Se a gente fosse contar tudo, dona, dava um romance... Até com a venda que existiam, aqui, acabaram. Quem quiser comprar um pão tem que descer. Quero mesmo desabafar tanta miséria.

Quando lhe perguntamos o nome, a moreninha fez uma cara de assombro:

— Meu nome? A senhora é minha amiga ou amiga da onça?

E Olga, Natalina, Diana Araujo, todas falam ao mesmo tempo, pedindo água, pedindo as vistas das autoridades para o estado de miséria em que vivem.

Depois, é Augusta da Silva, que nos explica:

— Faz 17 anos que moro aqui. Desde esse tempo que se fala em botar o morro abaixo, por isso dizem que não dão água. Ora, dona, 17 anos não são 17 dias. Isso é conversa deles. Para eles nossa miséria não vale nada. A senhora sabe, dona, o que é uma mulher grávida subir uma ladeira dessas com um peso de 20 quilos.

Não, Augusta, nós não sabemos, porém calculamos e, por isso, aqui estamos para ouvi-las e sentir os problemas de vocês. Enquanto assim pensávamos, dirigimo-nos a outro grupo, ouvimos a voz de Augusta:

— Esse morro é nosso! Nós é quem saíremos. E havemos de lutar, unidas, para arranjar água.

Realmente, Augusta, esse morro é de vocês. Não somente o morro, porém o mundo inteiro. Nós marchamos para um tempo em que



A lavagem de roupa. Grande problema do morro sem água.

mitam tudo. Ninguém vai arranjar lugar para morar. Vai ficar tudo no meio da rua, com os filhos pequenos. Onde iremos morar? Sim, onde vocês irão morar, depois de tão cansadas de carregar água, pisando na lama, levando chuva, passando fome, doentes, aterrorizadas com a Polícia Especial? Só mesmo união. Só mesmo união e organização.

### O CASO DAS VENDAS

Um popular explicou-nos o caso das Vendas. Diversas funcionavam, com mercadorias de necessidade imediata para as donas de casa,

e subirem o morro, mais vezes? Mais rápida do que a proibição da Prefeitura foi a ação da Polícia Especial: no morro de Santo Antonio não se encontra nada para comer. E as mulheres pedem providências imediatas contra tão injusta medida.

### E AGORA, A DESCIDA

A estranha procissão subia o morro, quando descíamos. Ainda ouvíamos, ao longe, as mulheres pedindo que o nosso jornal apelasse para que um cano levasse água ao morro enquanto a garotada acenava risinha, pedindo a publicação dos retratos.





# AS MULHERES

## DISCUTEM SEUS PROBLEMAS



Dna. Nuta Bartlet James, grande lutadora feminina desde 1924, sempre esteve ligada aos acontecimentos políticos do Brasil. Sendo uma senhora que sempre participou do movimento feminino, fomos procurá-la a fim de saber qual a sua opinião sobre a mesa redonda da Federação Brasileira pelo progresso feminino.

— Qual a sua opinião sobre a Mesa Redonda, Dna Nuta?

— Em todas as épocas e circunstâncias, as mesas redondas são um movimento de trabalho e ação que permitem uma convivência mais íntima das pessoas que desejam defender uma tese e tem um objetivo comum a de-

fender. Assim, se as mulheres desejam discutir os seus problemas, organizam uma mesa redonda. Aliás já organizamos, em 1946, a mesa Redonda Bárbara Heliodora, na qual foram discutidos em detalhes, os problemas femininos.

— E como acha a senhora que deve ser organizada a mesa redonda? Quais os elementos que devem dela participar?

— Bem, antes de mais nada é preciso esclarecer que a representação e o trabalho das mulheres no Brasil ainda é heterogêneo. Não existe uma representação forte em que domine uma idéia. Por conseguinte, essa mesa redonda deve se compor de todos os elementos representativos das diversas correntes.

— A senhora fala em nome de alguma organização? Ou esta é a sua opinião pessoal?

— Falo apenas em meu nome. Falo como uma mulher brasileira essencialmente democrata e que deseja que a mulher de nossa terra compreenda a sua grande missão na evolução dos tempos.

Dna. Nuta Bartlet James fala claramente e com firmeza, e demonstra a sua grande prática em trabalhos dessa natureza. Discutimos alguns pontos mais e depois falamos sobre o temário da mesa redonda a se realizar nos próximos dias 26, 27 e 28, na sede da ABI.

— O temário apresentado pela Federação está um pouco vago. Afinal, devemos reconhecer que os direitos políticos da mulher dados pela Constituição de 1946, satisfazem as nossas aspirações. Quanto ao problema da emancipação da mulher, acho que esta deve se desenvolver naturalmente dentro do relativo. E' preciso compreender que não somos iguais aos homens e não podemos querer direitos iguais em toda a linha, uma vez que isso não é possível nem no terreno social, nem no terreno biológico.

— E o que acha a senhora sobre a participação mais ativa da mulher na vida pública?

— Essa participação da mulher na vida política do país já está sendo feita. A mulher se impõe pela educação e pela cultura. Começaremos a participar mais ativamente da vida pública do Brasil, quando compreendermos o pro-



Em 1946 realizou-se nesta cidade u'a mesa redonda intitulada Bárbara Heliodora, em homenagem à heroína mineira. Dela participaram nomes femininos de real prestígio e foram ali debatidos todos os problemas que dizem respeito à mulher.

Neste clichê dna. Nuta Bartlet James, dna. Alice Tibiriçá, Léia S. Carvalho e uma jovem estudante.

Aquela reunião de 1946 serve como um bom augúrio para o que será a futura Mesa redonda promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

## A Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino

Convida todas as organizações femininas, de corpo social e diretoria essencialmente femininas a participar da mesa redonda que será realizada nos dias 26, 27 e 28 na sede da A.B.I. das 16 horas em diante. Cada organização feminina deverá, em reunião de suas associadas, escolher uma representante que falará em nome de sua associação e terá direito ao voto. Além da representante, com direito a voz e ao voto, também participarão da mesa redonda, comissões de cada organização, com direito a voz. Todas as organizações foram convidadas e a eleição das representantes deve ser feita no decorrer dessa semana. A com unificação do nome da representante deve ser feita à Secretaria da Federação. Sra. Lina Alevato, Rua do Lavradio, 89. Qualquer sugestão ou dúvida poderá ser escalrecida com D. Berta Lutz, presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ou com D. Beatriz Pontes de Miranda, vice-presidente da Federação, á Rua Evaristo da Veiga, 47-A, s/403.

### REPRESENTANTES DA MESA REDONDA

As representantes das associações femininas para a mesa redonda da Federação deverão ser escolhidas entre as mulheres mais capazes e que melhor possam traduzir os problemas de sua organização. E' preciso atentar bem ao temário, a fim de que todos os problemas sejam discutidos dentro dele. Depois de escolhida a representante, esta deverá conversar com o maior número de mulheres de seu bairro, ou de seu local de trabalho, deverá também apresentar as suas conclusões para a assembléia, a fim de que fique bastante armada a defender e a votar as resoluções.

Além da representante, deverá também ser escolhida uma comissão de cada Sociedade feminina, que participará ativamente da mesa redonda. Essa comissão deverá ajudar o trabalho da sua representante, e auxiliá-la a discutir as questões de voto.

Esta é uma grande oportunidade para todas as mulheres do Rio, que assim poderão discutir e apresentar as suas questões, votando resoluções que serão de grande importância para todas nós.

### TEATRO MUNICIPAL TODOS OS DIAS DULCINA

APRESENTA O "TEATRO DE ARTE  
DO RIO DE JANEIRO"

"Já é Manhã No Mar"

3 atos (6 quadros) de MARIA JACINTHA

"Se faltasse ao teatro brasileiro uma obra-prima, a peça de Maria Jacinta impor-se-ia a essa categoria de exceção em nossa literatura. "Já é manhã no mar..." vive de seu extraordinário valor, como criação literária. O teatro, na experiência da escritora brasileira, inicia-se para uma nova etapa. Porque em "Já é manhã no mar..." há uma conquista das mais belas que já tivemos como literatura de teatro. E Dulcina, vivendo a primeira simbólica, tem seus instantes de interpretação suprema, num vigor e numa beleza que são oferendas de seu gênio, a uma hora de culminação na história do nosso teatro". (José Monteiro — "A Vanguarda").

ESPECTACULOS DIARIOS. As 21 HORAS — VESPERAIS AS QUINZAS E DOMINGOS, AS 16 HORAS — PREÇOS: Poltronas, Cr\$ 25,00; Balcões Nobres, Cr\$ 20,00; Balcões Cr\$ 12,00; Galeria, Cr\$ 6,00 (sóto incluso) — Vespereais às quintas, a preços reduzidos.



Aspecto da mesa numa das sessões da "Mesa Redonda Bárbara Heliodora" em que participaram ativamente grande numero de mulheres. Vemos no clichê, Dna. Nuta Bartlet James como secretária da mesa Redonda, tomando as notas e o resumo das discussões.

blema do momento e, principalmente quando o elemento feminino se unir, acima de todos os partidos, sem deixar que se introduzam nas suas sociedades, as questões partidárias que só servem para destruir e afastar os elementos femininos uns dos outros.

Dna. Nuta nos fala ainda de suas múltiplas atividades, e conseqüentemente do pouco tempo que dispõe. Mas estará disposta a auxiliar a mesa redonda na medida do possível, embora não possa afirmar que irá apresentar e defender uma tese sua. De qualquer maneira, contamos com Dna. Nuta, pois sabemos muito bem, o quanto poderá participar desse movimento feminino.



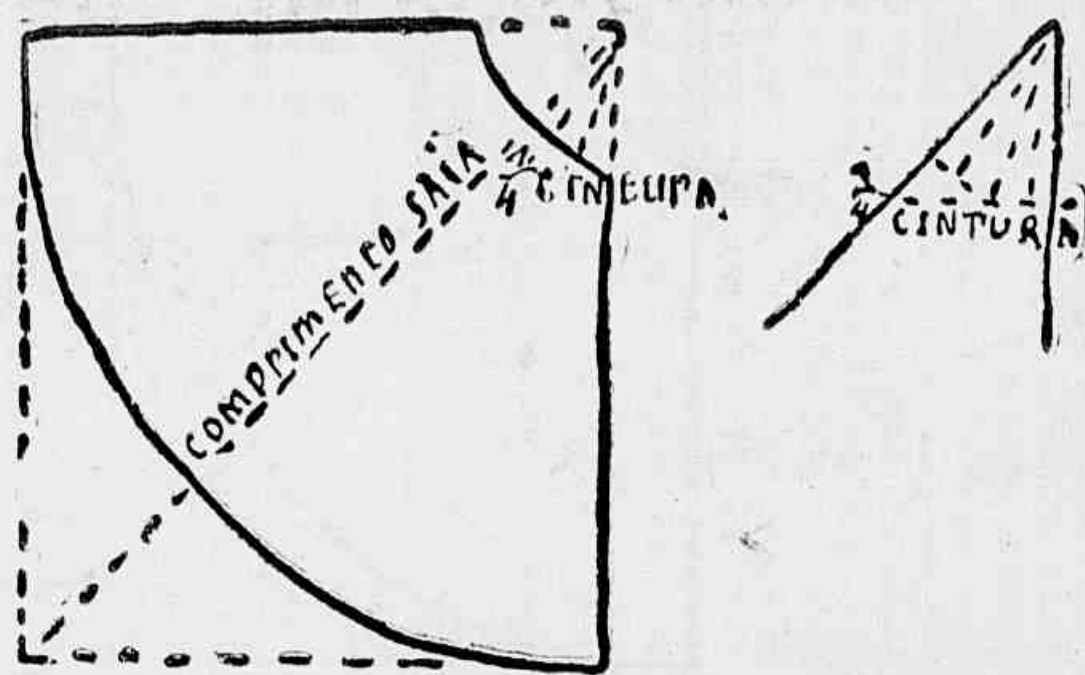


# A MODA



Ainda está no cartaz a já famosa questão das saias compridas. Os jornais de modas, os figurinos, os suplementos, em toda parte o assunto está em dia. Já dissemos às nossas leitoras que não temos clima para as saias

precisamos liberdade em nossos dias cheios de dificuldades. Comprar nas feiras, viajar de pé, comer, enfim, duplicar a nossa atividade para fazer face às necessidades de nossa vida, prendendo os passos, dificultando a ação — isso é horrível! Depois, a questão do calor que chega! E por fim, o problema das tecelagens brasileiras, ainda bem diferentes da organização congenera em outros países. Não! A mulher carioca não quer as saias compridas. Os nossos modelos sugerem drapados para primavera e para o verão. Começam a surgir os tecidos leves. O "nylon" já aparece de grande em vez, com pregos ltos. A mudança da estação é que está comandando a moda. Tecidos claros, coloridos, esvoaçantes. Cores, muitas cores. E a linha permanece quasi a mesma da estação anterior.



## LIÇÃO DE COSTURA

A nossa lição de hoje continua bem fácil para as nossas alunas. A saia "godet" conserva ainda hoje a preferência das jovens. Apesar das variações que a moda vem sofrendo esse tipo de saia rodada tem continuado em forma.

É um complemento agradável para as blusas leves tipo camponesa ou para os

vestidos sóbrios sem muitos enfeites.

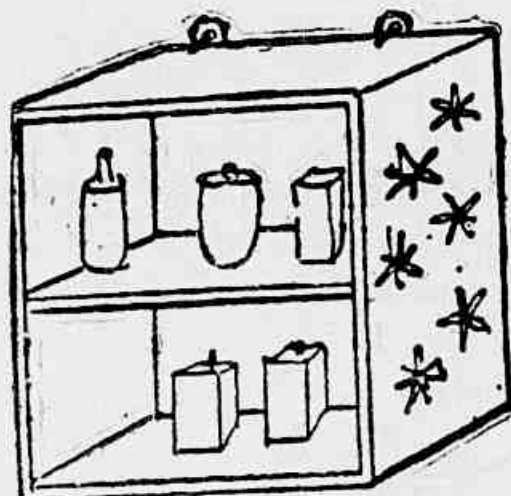
Vejamos o corte, sempre acompanhando a figura.

Dobre a fazenda enviezada sobre a largura. Em seguida desça da ponta até alcançar 1/4 da cintura, limite em que é feito um "godet". Marcando o comprimento da saia e fazendo outro "godet". A saia fica com 2 costuras, dos lados.

Pedimos às nossas discipulas que nos escrevem para darmos as explicações que necessitam.

## ARRANJOS DO LAR

Faça de seu pequeno quarto ou de seu pequeno apartamento, um lugarzinho amável, ri-



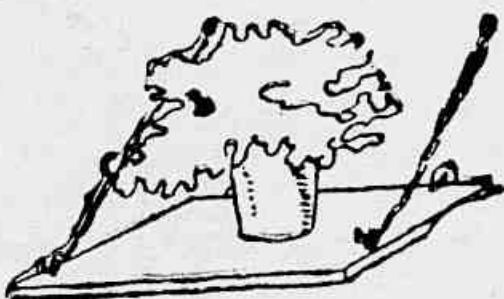
so, ho e bonito. Damos para isso três sugestões, tôdas baratas, nesta hora de vida cara.

Esse armário de parede é um quadrado em podacinhos de madeira que você mesma laqueará.

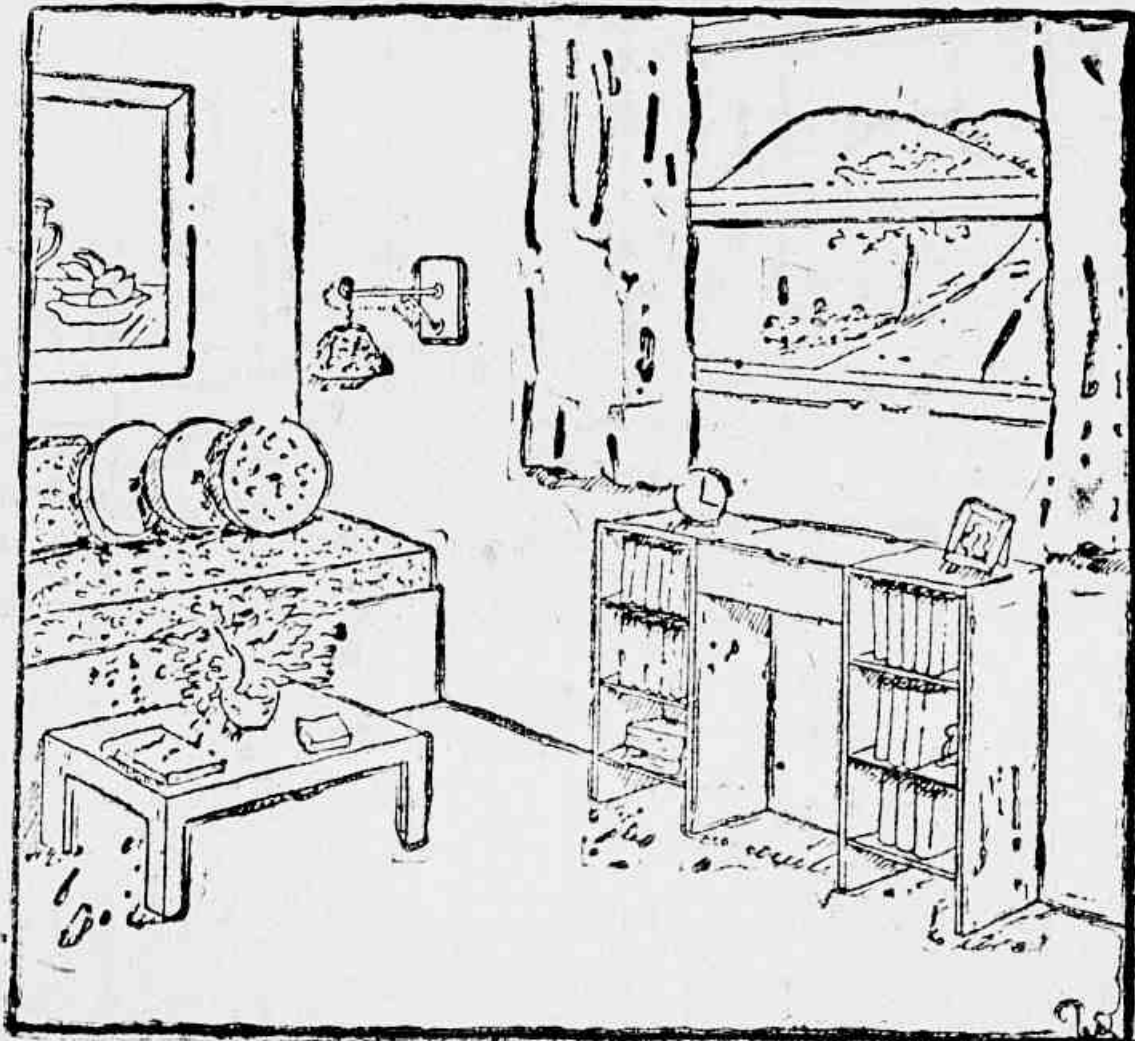
O outro é uma estante também de parede. Dois fios grossos prendendo um quadrado de madeira. Veja como suporta até o peso de um vaso de flores.



compridas. Por que? Por tantas e tantas razões!... Em primeiro lugar, por que



O terceiro é idéia para conjunto, estante, mesinha, um divan, almofadas. São sugestões de Maria Luiza.

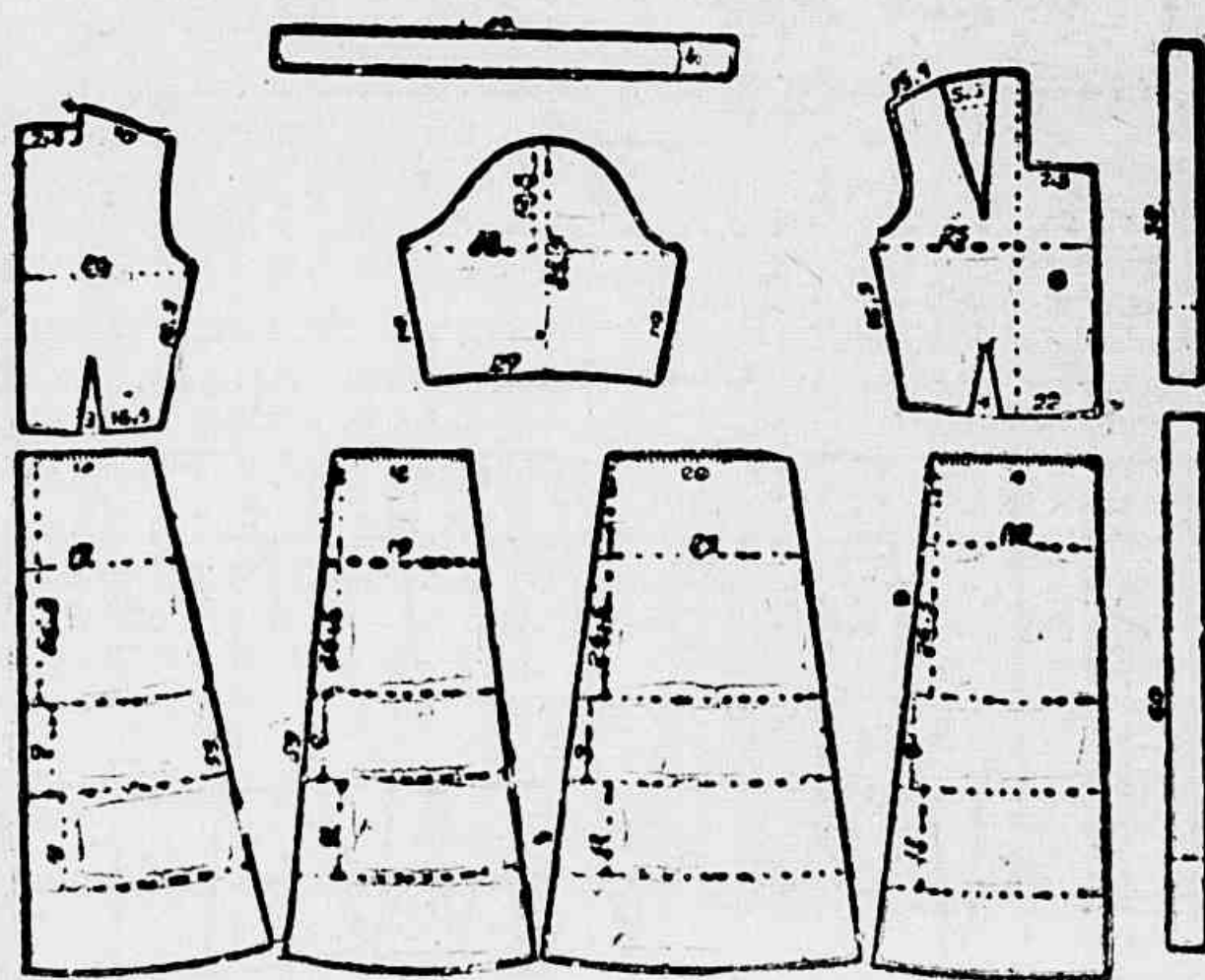


## Salão Coelho

CABELEIREIRO SOB A DIREÇÃO DE AURORA  
PERMANENTES, CORTES, PENTEADOS, TINTURAS  
E MANICURE

RUA CATETE, 278 Telefone 25015

## ANUNCIE EM "MOMENTO FEMININO"



Damos, no nosso número de hoje, um interessante modelinho para sua menina. O figurino é muito prático, pois, de acordo com o material escolhido, pode prestar-se para vestidinho de festa, de passeio ou de prala. Para festa — o modelo deverá ser executado em orandi, com debruns em tafetá ou outra seda.

Para passeio: sugerimos o aproveitamento do modelo em linho e seda branco, com os debruns em cadarço especial DMC (cadarço próprio para debruns), de cor vermelha, azul ferrete ou azul marinho. (Creio que o

## Página De Seu Filho

Vestidinho De Verão  
Para Menina De 5 a 12 Anos

nome é debrum para festão).

Para prala: sugerimos que se faça o modelinho em li-

nho ou fustão estampado, com os recortes bordados em festoné de linha brilhante vermelha, verde ou azul vivo.

Instruções: não se trata de babados. Corta-se a saia de acordo com o molde, conforme o figurino. São recortados os festons, debruados ou bordados de acordo com a preferência das Mamães.

## FRANCISCO DE SÁ PIRES

DOCENTE DA UNIVERSIDADE

Doenças nervosas e mentais — Rua do México, 41  
Sala 806 — Diariamente — Fone 22-5354



# Atividades Femininas

## NOVA ENTIDADE FEMININA

Dia 18 do corrente foi organizada a Associação Feminina do Leblon, composta da União de Areinha e das mulheres de Ipanema e Leblon. Nessa reunião, foi organizada uma diretoria provisória, e foi eleita a representante para a mesa redonda, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Na próxima sexta-feira, terá lugar uma ampla reunião, a fim de incentivar o curso de alfabetização já iniciado e o curso de corte e costura. A Associação feminina de Ipanema e Leblon, tem a sua sede à avenida Ataulfo de Paiva, 355-B.

## UNIÃO FEMININA DAS LARANJEIRAS

No momento em que encerramos os trabalhos desta edição recebemos comunicação de estar reunida a União Feminina de Laranjeiras para proceder a escolha de sua representante à Mesa Redonda promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a realizar-se



nos dias 26, 27 e 28 do corrente. A candidata mais provável é a amiga Iris Camops Freire.

## CENTRO CULTURAL FEMININO DO REALENGO

O Centro Cultural Feminino do Realengo, estando progredindo em matéria de organização, fez um memorial com centenas de assinaturas, dirigindo-se ao Senado, Câmara Federal e Municipal, pedindo providências pela falta de feijão e carne.

O Centro está desenvolvendo grande esforço no sentido de registrar os seus estatutos, o que espera conseguir dentro em breve.

## UNIÃO FEMININA FLAMENGO-CATETE-GLORIA

Na eleição realizada por esse organismo para escolha da sua representante à Mesa Redonda da F.B.P.F., foi eleita a escritora Maura Serra Pereira, da redação de "MOMENTO FEMININO".

## GRANDE BAILE

O Instituto Feminino de Serviço Construtivo, organização de mulheres, presidida por dona Alice Tibiriçá, promoverá sábado, dia 29 do corrente, às 20 horas, uma noite festiva para as associadas e suas famílias.

Para essa reunião que se anun-

cia brilhante, todas as amigas do Instituto estão convidadas.

## MOMENTO FEMININO E A MESA REDONDA DA F. B. P. P. F.

Especialmente convidado nesse jornal se fará representar na Mesa Redonda promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A essa grande reunião comparecerão, em nome do Momento Feminino nossas redatoras: Léa de Sá Carvalho, Nice Figueiredo, e Ana Montenegro.

## A FESTA DA REPÚBLICA

Realizou-se dia 15 de novembro, à rua Marquês de Abrantes, 144, a festa promovida pelas União Femininas de Laranjeira, Botafogo Flamengo,

Catete e Gloria em homenagem à data da Proclamação da República.

Abriu a sessão a escritora Maura Serra Pereira que explicou os motivos comemorativos da data seguindo-se com a palavra a dra. Berta Luz, presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que demonstrou a necessidade da organização das mulheres em ligas eleitorais acima de partidos ou de convicções políticas. O discurso da dra. Berta Luz provocou grandes aplausos.

Os trabalhos foram encerrados por d. Alice Tibiriçá, que em palavras corajosas e vibrantes fez um apanhado da situação brasileira, as constantes ameaças à democracia e terminou apelando para a união firme e valorosa das mulheres em defesa da Democracia no Brasil.

Tomaram parte na mesa as senhoras Berta Luz Alice Tibiriçá, Maura Serra Pereira, as representantes das associações femininas, presentes, entre as quais, Madureira, Pedro Ernesto, Leblon, Gavea e outras; a representante do Comitê de Mulheres pró Democracia e uma redatora de "Momento Feminino".

## GRAFOLOGIA

A letra revela a pessoa

Gilda

**PATATIVA** — Você é uma criaturinha musical, cheia de melodias e delicadezas, mas sem grandes aflições na arena intelectual. Nada de estudos ou preocupações regulamentadas. Liberdade! Liberdade! é o seu grande grito, principalmente para viver a sua vida sentimental, e para dividir o seu tempo como acha mais agradável. Por obrigação tudo é fastidioso. Não é isso?

**MARIA AUGUSTA** — Uma grande mulher, sim senhora! muito ativa, disposta e audaz. Independente e autoritária, não deixa de amar com violência e egoísmo. Ciumenta e arrebatada em questões de amor não sabe controlar-se, no fugindo sequer ao escândalo. Mas, passado o momento da "fúria" tudo cessa e o bom senso retoma as rédeas do seu destino. Agora, uma ressalva: — não confunda o estudo grafológico com "sortes e oráculos", não há nenhum parentesco nestas três coisas. A grafologia é um recurso científico utilizado por psicopatas ilustres dos maiores centros culturais do mundo (Dr. Rougemont de Genebra por exemplo, ou o dr. Genil-Perrin, de Paris, são no-

tabilidades que empregam a grafologia na clínica médica) não só por médicos, mas também por polícias técnicas e outros cavalheiros honrados.

**SONISE VALROME'E** — Sua tendência é musical, evidentemente, mas todos os rumores das tempestades rugem na sua alma, uma grande violência de sentimentos e ideais combativos e renovadores atuam em torrente, em você, contrastando com sua natureza delicada e gentil. Muita sinceridade no amor, grande perspicácia. Honestidade.

**MARIZE** — Sua letra demonstra uma natureza psicológica encantadora. Muita ternura, muita delicadeza de sentimentos. Muita perspicácia e dedicação a todas as atividades a que se entrega. Tem uma formidável capacidade de realização. E sabe realmente fazer bons programas e comandar-lhes a execução eficientemente. Mas porque não acaba de uma vez com esse terrível complexo de inferioridade que a anula quase? No amor é uma doce companheira, leal, meiga e sensata.

**FOLHA SECA** — Um belo temperamento de artista, com

grande vigor intelectual, acentuado por uma sempre crescente curiosidade livreira, que afinal enriquece o seu cabedal. Todavia, nenhuma vaidade perniciososa, a não ser essa segurança da própria superioridade que a faz dispensar a mediocridade uma piedosa benevolência. Sabe que tem uma notável capacidade de persuasão? Isso, aliado à sua capacidade de realização, faz-la uma criatura excepcional, capaz de grandes cometimentos. Porque não se lança à tarefa da organização feminina?

**ISAURA S. CUNHA** — Espírito calmo, devotado às coisas simples e belas da vida. Sem grandes ambições, procura exceder-se nas minúcias das coisas a que se dedica de corpo e alma, sempre! Sinceridade e discrição. Gentileza. Lealdade. Arrebatamento e devotamento até ao sacrifício, no amor.

**ESPERANÇOSA** — Ingenuidade confiante e cega! Confiaça, que muitas vezes se desfaz dolorosamente diante de traições ou ingratições. Mas sempre se restaura, para novas decepções e novas lágrimas. É muito inteligente e sua capacidade de penetração em todos os assuntos é muito superior ao grau de cultura que recebeu. Todavia sua energia e seus verdes anos, podem ainda realizar uma grande modificação na sua personalidade. A mulher é um grande fator no progresso coletivo, subestimar a sua capacidade, atrofiando-lhe os recursos intelectuais é atentar criminosamente contra os mais sagrados interesses da pátria. Vaidade e egoísmo. Delicadeza e timidez. Vida muito regradinha, rotina e sistema regulares, sem grandes mudanças. Não sabe agir sozinha. Há de ouvir necessariamente alguém, para receber orientação. Sua paixão dominante: — a música e a poesia. Mas não é indiferente à política. E mais tarde saberá moldar uma vigorosa personalidade feminina que muito promete desde já.

## DRA. ADALZIRA BITTENCOURT

ADVOGADA

RUA 1ª DE MAIO, 23 — 18.º ANDAR

Salas 1804/6

Fone: 32-6648

## O DOMICÍLIO CONJUGAL

(Conclusão da 6ª pag.)

tivo. Se o marido insiste na escolha inconveniente e cá se estabelecesse, o mais que a lei garante à mulher, também é a propositura de uma ação de desquite com fundamento no abandono de lar, nas mesmas condições do marido.

O que se conclui, logicamente, é a inutilidade desse dispositivo de lei atribuindo ao marido um direito que na prática não tem existência. Porque, quando os cônjuges vivem de acordo, ambos exercem esse direito e quando discordam, cada um fixa o seu domicílio, e o direito que o marido tinha garantido por lei, nenhum resultado prático lhe assegura.

Por isso afirmamos que essa prerrogativa atribuída ao homem é mero saudosismo dos tempos em que o homem tinha sobre a mulher, fora e dentro da família, poderes extremos de coação para segurar o cumprimento de sua vontade. Hoje esses poderes repugnem não só as mulheres como aos homens, e não podem assegurar, nem o cumprimento de deveres e de obrigações, porque o emprego da violência, moral e física, é, em si, uma atitude ilícita.

Se não existe na prática tal direito, por que conservá-lo na lei?

## A LETRA REVELA A PESSOA!

Peço um retrato grafológico

Nome .....

Pseudônimo .....

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO —

## DR. LINANDRO DIAS

DOENÇAS INTERNAS — TUBERCULOSE  
RADIOLOGIA PULMONAR

Consultório: Av. Rio Branco, 257 — 18.º and. Sala 1801

Das 14 às 18 horas, às terças, quintas e sábados

Telefone: 42-4443

Residência: — Rua Amoroso Costa, 91 — Tijuca

Telefone: 38-6837





Sophie Desmarets, artista francesa que após ter obtido o prêmio de Comédia no Conservatório em 1944, tem brilhado nas novas peças em que atuou, como "Le Soldat et la Sorrière" de Armand Salacrou e "Au petit bonheur" de M. G. Sauvageon. (Foto do Serviço Francês de Informação).

## CONFERÊNCIAS SÔBRE TEATRO

A "Cooperativa de Espetáculos Novos de Arte" (C. E. N. A.), de iniciativa e sob a direção da atriz Luiza Barreto Leite, cumprindo os seus objetivos de trabalhar pelo desenvolvimento do teatro no Brasil, inclusive através de reuniões de estudo, conferências ou cursos sobre teatro, já tem organizado um programa nesse sentido. A primeira das conferências da "C. E. N. A." está a cargo do sr. José Carlos Lisboa, que dissertará sobre o "Teatro de Cervantes", no dia 24 do corrente; a 1.º de dezembro, o pintor e cenógrafo Santa Rosa fará uma palestra sob o título geral de "Teatro"; a 8 de dezembro, o sr. Guilherme Figueiredo, no mesmo ciclo de conferências, se ocupará do tema: "Imaginação e Realidade"; a sra. Luiza Barreto Leite, no dia 22 de dezembro, lerá uma conferência sobre "Teatro e Liberdade". Encerrando o ciclo de conferências deste ano, a 29 de dezembro o diretor de cena Wilhelm Keller fará um estudo sobre "Teatro Elisabetiano".

Simultaneamente, a "Cooperativa de Espetáculos Novos de Arte", iniciará ainda este ano as suas atividades cênicas, com a representação da peça "Vestir os nus", de Luigi Pirandello, em tradução de Tyndaro de Abreu Godinho. Possivelmente em seguida a esta peça do famoso dramaturgo italiano, a "C. E. N. A." apresentará uma nova versão da "História de Carlitos", de Henrique Pongetti, com "mise-en-scène" de Wilhelm Keller. Do programa da "C. E. N. A.", constam ainda, já escolhidas para o seu repertório, "Le Mouche", de Jean Paul Sartre; "A Comédia dos Equívocos", de Shakespeare, em adaptação de Henrique Pongetti; "O Soldado Tanaka", de George Kaiser, e "A bomba atômica" de Norton Sinclair.

Faça de MOMENTO FEMININO o seu jornal.



Todos os anos o verão se anuncia, nos cinemas, com a volta de velhos filmes. Este ano o verão insiste em não querer chegar, e, apesar disso repetem-se coisas passada há muito. Que isso aconteça afinal pode ser. Mas que não seja anunciado como reprise é bem cacete. Estamos assim revendo "Extase" com Heddy Lamar e anuncia-se aquele notável "Anjos de cara suja" que se vocês não viram, devem fazê-lo agora. É um filme velho mas para todos os momentos. Não percam.

Vimos nesta semana:

A MAO DO DIABO, filme francês bastante atilgo mas notável, sob a direção de Maurice Tourneur e fotografias de Armand Thirard. O enredo é goetiano; um homem vendeu sua alma ao diabo e por essa venda teve tudo: dinheiro, amor de uma bela mulher, glória, etc. Mas depois vem o negócio da eternidade e o nosso amigo pensa que ficar para sempre no fogo do inferno não é bom negócio. Luta daqui e dali O diabo (Palau) é esplêndido. Um diabo simpaticíssimo, com uma enorme compreensão do que deve ser realmente um diabo. Como cinema propriamente dito o filme é bom. Bem construído e bem dirigido. Pierre Fresnay fazendo o pintor fracassado que o diabo salva, é muito bom. O encontro dos que venderam a alma ou melhor compraram a mão do diabo para vencer, é notável. Esse filme em exibição no Pathé, entrou agora em sua segunda semana. Se você acredita nesta cronista, vá ver este filme. E se prepare para assistir outros grandes filmes franceses já anunciados e que prometem muito: "A batalha dos trilhos", por exemplo, dirigido por René Clément que considera um filme como um "trecho da vida e não como uma passagem pelas nuvens".

Agora vamos ao "casos dolorosos" do cinema. Esta semana assistimos dois dos mais completos abacaxis jamais vistos: um "AMOR DE DUAS VIDAS". Ruim de doer. A senhorita Shirley Temple é a coisa mais cacete, mais oca, mais inexpressiva que se possa imaginar. Devemos sempre tomar cuidado com os "gênios" e as "precocidades". Eis um filme merecedor de batatas. E o que dá ódio é que fazem trabalhar nêles esse ótimo Franchot Tone, tão bom, tão seriamente artista. Nem o seu trabalho (como se esforça!) consegue salvar o abacaxi. Porque Hollywood não incinera logo essa Shirley?

Outro tremendíssimo abacaxi é "O MALANDRO E A GRANFINA". Aqui não há nada, rigorosamente nada. É de matar. As fotografias ruins, os diálogos péssimos. Laura Suarez e as demais senhoras do filme aparecem com um maquiagem de doer. As bocas pintadas quando cantam — coitadinhas — ficam de monstros. O mocinho gordinho Claudio Nonelli já ruim de si ficou farrapo nas mãos do diretor. Só diz a todo momento: "Devo tudo a você". Ele deve sempre qualquer coisa a alguém, a todo mundo. Deus me livre! Esse o pior dos filmes nacionais jamais surgidos. Se vocês insistirem em ver esses dois filmes juro que não seremos nós as culpadas.

### PEQUENAS NOTÍCIAS DE CINEMA:

Vem aí Viviane Romance num filme intitulado "A Venus cega". Vocês lembram dela? Não parece uma morena brasileira?

O CONDENADO, filme inglês que estreará na próxima semana nos cinemas Severiano parece ser muito bom. As fotografias do trailer são de primeira ordem.

Comentaremos na sexta-feira o "Ovo e eu".

E.M.

## Já é Manhã No Mar...

SILVIA

Já nos referimos em nossa última orônica à peça de Maria Jacintha e fizemos o seu elogio.

Hoje trataremos do espetáculo realizado com um magnífico equilíbrio e faremos ressaltar os seus pontos altos.

A atuação de Dulcina é mais uma vitória para a sua carreira de artista. O seu papel é vivido em todo o espetáculo de uma maneira marcante, imprimindo a emoção idealista tão bem recebida hoje em dia pelo nosso público.

É bela a sua palavra, magnificamente coordenada com toda a movimentação de uma peça difícil, cheia de diálogos longos que precisam convencer.

Dulcina, vence magistralmente todos os lances e sai para o caminho que o povo vai trilhar porque "já é manhã no mar..."

Maria Jacintha lembra as grandes epopéias, as que vivem em nosso tempo ou que

não tem lugar fixo na história. E "Hans, o marinheiro, surgindo em cada porto" E' a liberdade decantada pelos poetas e sentida e ansiada pela massa humana menos favorecida.

Tôda a vibração é comunicada por Dulcina e a gente pergunta mesmo como pôde o destino unir essas duas mulheres para uma realização tão bela.

Mas, voltando ao teatro. Dulcina é também a diretora da posição certa. Os jovens já nossos conhecidos dos comediantes encontram na atriz e na Diretora uma magnífica escola. Atuam bem no Teatro de Arte do Rio de Janeiro. Aurora Abolin, também tem o seu pequeno papel marcado com uma certa dignidade.

A peça não lhe dá uma oportunidade como a "Mãe" de Garcia Lorca, em "Bodas de Sangue", mas influe com a sua arte para uma sensível harmonia de conjunto

Odilon é um prisioneiro à altura e toma mesmo, em certos momentos, a liderança da cena, como no conteúdo da peça. Queremos também elogiar entre os demais, o velho e o poeta. O velho, principalmente, que sobressai em seus excelentes recitativos.

Antes de terminar queremos elogiar os cenários e toda a montagem da peça. Osvaldo Mota, tem se revelado com grande capacidade de criação, conseguindo em "Já é manhã no mar..." dar uma demonstração de valor, colocando-se entre os nossos maiores cenógrafos-figurinistas.

## TEATRO

### TRATAMENTO DO CASAL ESTÉRIL MOLESTIAS DE SENHORAS — OPERAÇÕES

DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

Ginecologista

Caixa P. Light — Laureado pela Academia de Medicina  
Edifício CARIOCA — Sala 218 — Tels.: 42-7550 38-5656

### LABORATÓRIO DE ANÁLISES E PESQUISAS CLÍNICAS

RUA SANTA LUZIA, 305 - 10.º and. - salas 1013/1014

Exames de urina, Pús, Fêzes, Escarro, Liquor — Diagnóstico de gravidez — Vacinas — Diagnóstico sorológico da sífilis, cutitreações — Tubagem Duodenal — Lavados Traqueo-brônquios

DR. EVALDO DE OLIVEIRA

ACADM. EVANDRO DE OLIVEIRA - GUSWEN REGIS BRAZ  
Tec. OCTACILIO F. DE MELLO  
Das 9 às 11 e das 14 às 18 horas



Leia e divulgue "MOMENTO FEMININO."



nhor é e quanto o senhor vale. E' por isso que lhe venho pedir um favor e lhe dar a minha confiança.

— Fale, Fadette. — Respondeu o pai Barbeau — Nunca recusei minha assistência a quem quer que seja, e se se trata de qualquer coisa que minha consciência não me proíba, você pode confiar em mim.

— Eis de que se trata — disse a pequena Fadette levantando o cesto e colocando-o entre as pernas do pai Barbeau — Minha falecida avó ganhou durante sua vida, dando consultas e vendendo remédios, mais dinheiro do que se pensava. Como não gastava quase nada e não empregava nem um vintem, não se podia saber o que ela tinha num buraco de sua mansarda, que ela me mostrou muitas vezes, dizendo:

— “Quando eu já não existir, é aqui que encontrarás o que eu vou deixar: é teu bem e teu haver, assim como de teu irmão; e se agora passas privação, é para que encontres mais dinheiro um dia. Mas não deixes que os homens da lei ponham a mão no que aí está: eles comeriam tudo nas custas. Guarda-o quando o tiveres, esconde-o tua vida inteira, para que isso te sirva na tua velhice e nunca sintas falta de nada”.

Quando minha pobre avó se enterrou, obedeci ao que ela me recomendara: tomei a chave do celeiro, e tirei o titolos da parede, no lugar que ela tinha mostrado. Encontrei no buraco o que agora lhe trago, pai Barbeau, pedindo-lhe que o empregue da melhor maneira, como entender, depois de ter satisfeito as exigências da lei, que eu não conheço, e de me defender de custas muito altas, das quais eu tenho medo.

— Agradeço-lhe sua confiança, Fadette — disse o pai Barbeau sem abrir o cesto, embora fosse um pouco curioso — Mas não tenho o direito de receber seu dinheiro nem de tratar de seus negócios. Não sou seu tutor. Sem dúvida sua avó fez testamento?

— Ela não fez testamento, é a tutora que a lei me dá é minha mãe. Ora, o senhor bem sabe que eu não tenho notícias dela há muito tempo, e nem sei se está morta ou viva, a pobre coitada! Depois dela, só tenho um parente, que é minha madrinha Fanchette, mulher muito boa e honesta mas completamente incapaz de dirigir os meus bens e mesmo de conservá-lo e guardá-los. Não poderia privar-se de contar e de mostrar a todo mundo, e fico com medo de que ela os empregue nalgum mau negócio, ou que, de tanto os deixar manejar pelos curiosos, ela os faça diminuir sem dar por isso, porque minha pobre madrinha querida não está em condições de fazer a conta do que me coube.

— Então é quantia importante? — perguntou o pai Barbeau cujos olhos se fixavam a despeito de seus esforços, na tampa do cesto; tomou-o pela asa para sentir-lhe o peso. Mas o achou tão pesado, que se espantou e disse:



— Se é ferro velho, não é preciso muito mais para carregar um cavalo.

A pequena Fadette, que era maliciosa como um diabrete, divertia-se consigo mesmo da vontade que elle sentia de olhar dentro da cesta. Ela fez menção de abrí-lo, mas o pai Barbeau tinha a impressão de cair de sua dignidade se a deixasse fazer.

— Isso não é da minha conta — disse elle — e já que não posso aceitá-lo em depósito, não me compete conhecer seus negócios.

— Mas é necessário, Pai Barbeau, que o senhor me faça pelo menos êsse favorzinho — disse a pequena Fadette — Sou quase tão ignorante quanto minha madrinha para contar acima de cem. E depois, não sei o valor de tôdas as moedas antigas e só posso confiar no senhor para me dizer se sou rica ou pobre, e para saber ao certo a conta do meu dinheiro.

— Vejamos, então — concordou o pai Barbeau, que já não se aguentava. — Não é um favor muito grande êsse que você me pede, e eu não devo recusá-lo.

Então a pequena Fadette levantou apressadamente as duas tampas do cesto, e tirou do interior dois grandes sacos, cada um contendo dois mil francos escudos.

— Sim senhora! A soma é bem boazinha — disse-lhe o pai Barbeau — Você tem um dote capaz de fazer com que muitos rapazes a procurem.

— Não é só isso — disse a pequena Fadette: há ainda, no fundo do cesto, uma coisinha que eu não sei quanto vale.

E tirou uma bolsa de couro, que despejou no chapéu do pai Barbeau. Havia cem luises de ouro batidos no canto, à moda antiga. O bom homem arregalou os olhos. E quando elle acabou de contar as moedas e de enfiá-las novamente no saco, ela tirou um segundo, com o mesmo conteúdo, e depois um terceiro, e um quarto. Finalmente tanto em ouro quanto em prata e em dinheiro miúdo, havia, no cesto, pouco menos de quarenta mil francos.

Era aproximadamente um terço a mais do que tôdas as posses do pai Barbeau, em terras e prédios, e como a gente do campo não negocia em moedas sonantes, elle nunca tinha visto tanto dinheiro junto.

Por mais honesto e desinteressado que seja um camponês, não se pode dizer que a vista do dinheiro o aborreça. O pai Barbeau chegou a ter, por um momento, a testa banhada de suor. Quando acabou de contar tudo, disse a Fadette:

— Para teres quarenta vezes mil francos faltam apenas vinte e dois escudos, o que vale dizer que possues, por tua parte, duas mil pistolas sonantes. Isso te transforma no melhor partido do lugar, pequena Fadette, e teu irmão, o gafanhoto, pode ser



raquítico e manco a vida inteira; terá melos para correr suas terras de carro. Alegra-te, portanto, pois tens o direito de dizer que és rica e de espalhar a noticia, se quiseres achar um marido bem depressa.

— Não tenho a menor pressa — disse a pequena Fadette. — Ao contrário, até peço ao senhor que guarde segredo dessa fortuna, pai Barbeau. Feia como sou, tenho a pretensão de não casar pelo meu dinheiro, mas por meu bom coração e minha boa fama. E como a fama que eu tenho nestas redondezas é muito má, desejo viver aqui algum tempo para provar que não a mereço.

— Quanto à sua fealdade, Fadette — disse o pai Barbeau, levantando os olhos, que não tinham ainda largado o cesto — posso dizer, em consciência, que é coisa que já não existe. Você melhorou tanto na cidade, que pode agora passar por uma moça muito bonita. E quanto à sua má fama, se é verdade que você não a merece, como desejo crer, aprovo sua idéia de demorar um pouco e esconder sua riqueza, pois não hão de ser poucas as pessoas que ela deslumbraria ao ponto de querer casar com você sem sentir, preliminarmente, por você, a estima que toda mulher deseja inspirar ao marido.

Agora, o depósito que você quer me deixar entre as mãos seria coisa contrária à lei e que poderia, mais tarde, me expor a suspeitas e incriminações, pois as más línguas são muitas. E, alias, mesmo supondo que você tenha o direito de dispor do que é seu, não tem o de empregar levianamente o que pertence a seu irmão menor. Tudo o que posso fazer é pedir uma consulta para você, sem dar seu nome. Depois, então, eu lhe farei saber a maneira de empregar com segurança e vantagem a herança de sua mãe e a sua, sem passar pelas mãos de chicanistas, que em geral não são honestos. Leve tudo isso de volta, esconda-o bem até que eu lhe dê a resposta. Eu me ofereço a você para, na ocasião, dar testemunho diante dos mandatários de seu co-herdeiro do montante da soma que nós contamos, e que eu vou escrever num canto de minha granja, para não esquecer”.

O que a pequena Fadette queria era só que o pai Barbeau tomasse conhecimento do caso. Se se sentia um tanto orgulhosa perante elle por ter ficado rica, era porque elle já não podia accusá-la, de querer explorar Landry.

## XXIV

Vendo-a tão prudente e compreendendo quanto era esperta, o pai Barbeau teve menos pressa de cuidar do depósito e do emprego daquele dinheiro do que de se informar da reputação que ella adquirira em Chateau-Meillant, onde passara o ano. Por-



que se aquele belo dote o tentava e lhe fazia passar por cima do mau parentesco, a coisa era diferente quando se tratava da honra da rapariga que queria ter como nora. Foi, portanto, em pessoa a Chateau-Meillant, e tomou as informações conscienciosamente. E lá veio a saber não só que a pequena Fadette não tinha chegado grávida nem tivera filho, mas ainda que se contara tão bem que não havia a menor censura que lhe pudesse ser feita. Tinha servido a uma velha religiosa nobre que tivera o prazer de utilizá-la como companhia em vez de criada, de tal forma apreciara sua conduta, seus bons costumes e sua maneira de pensar. A velha sentia muito a falta de Fadette, e dizia que era uma perfeita cristã, trabalhadeira, econômica, assuada, cuidadosa, e com tão bom gênio que nunca poderia encontrar outra igual.

Tratava-se de uma senhora muito rica, que fazia muita caridade. A pequena Fadette ajudara-a maravilhosamente a tratar dos doentes, e preparar medicamentos, e viera a saber de vários segredos admiráveis que a patrão aprendera em seu convento, antes da revolução.

O pai Barbeau ficou muito satisfeito e voltou para a Cosse, decidido a esclarecer aquele caso até o fim. Reuniu a família e encarregou os filhos mais velhos, os irmãos e todos os parentes de proceder com prudência a um inquérito sobre o comportamento da pequena Fadette, desde que chegara à idade da razão, a fim de que, se ficasse provado que todo o mal que falavam dela era apenas por causa de suas travessuras de criança, eles pudessem achar graça no que diziam, sem dar a isso maior importância. Entretanto, se alguém pudesse afirmar que a vira cometer uma ação má ou fazer uma coisa indecente, ele continuaria a manter junto a Landry a proibição de se dar com ela. O inquérito foi feito com prudência, como ele desejava, e sem que a questão do dote fosse conhecida, porque não dissera a esse respeito uma só palavra, nem mesmo com a mulher.

Durante esse tempo, a pequena Fadette vivia retirada em sua casinha, na qual não tinha querido fazer modificações, além da de a conservar tão limpa que seus pobres móveis brilhavam como espelhos. Vestiu com a maior decência o irmãozinho, e, sem o dar a perceber, submeteu-o ao regime de uma boa alimentação, de que ela própria e a madrinha também tomavam parte, e que produziu os melhores efeitos no menino. Depressa ele se refez, fortalecendo-se, e sua saúde ficou tão boa quanto podiam desejar. A felicidade corrigiu-lhe facilmente o temperamento, e não se sentindo mais ameaçado e espancado pela avó, só encontrando carícias, palavras meigas e bons tratos, ele se transformou num garoto muito simpático, cheio de idéias engraçadas e amáveis, e que já não podia desagradar a ninguém, apesar de sua perninha aleijada e de seu narizinho chato.



E, por outro lado, havia tal transformação na pessoa e nos hábitos de Françoise Fadet, que os mexericos foram esquecidos, e mais de um rapaz, ao vê-la caminhar tão leve e graciosa, desejou logo ao fim de seu luto, para cortejá-la e dançar com ela.

Sylvinet Barbeau era o único que não queria mudar de idéa a seu respeito. Ele bem via que se planejava qualquer coisa sobre ela na família, porque o pai não se continha e falava nela a todo instante, alegrando-se por causa de Landry cada vez que conseguia o desmentido de qualquer calúnia levantada contra Fadette e dizendo que não podia suportar acusarem-lhe o filho de ter feito mal a uma mocinha inocente.

Falava-se também na próxima volta de Landry, e o pai Barbeau parecia desejar que a coisa fosse do agrado do pai Caillaud. Enfim, Sylvinet percebia que já não fariam opposição aos amores de Landry, e a tristeza voltou-lhe. A opinião pública, que vira a todos os ventos, estava ultimamente a favor de Fadette; não imaginavam que fosse rica, mas ela agradava, e, por isso, desagradava cada vez mais a Sylvinet, que via nela a rival de seu amor por Landry.

De vez em quando, o pai Barbeau deixava escapar diante dele uma alusão ao casamento, dizendo que os dois gêmeos não tardariam a chegar à idade de pensar nisso. O casamento de Landry sempre fôra uma idéa dolorosa para Sylvinet, e representava para êle a certeza da separação. Voltou a febre e a mãe tornou a consultar os médicos.

Encontrando-se um dia com a madrinha Fanchette, esta, ao ouvi-la lamentar-se em sua atribulação, lhe perguntou porque ia consultar tão longe e gastar tanto dinheiro, quando tinha à mão uma curandeira mais hábil do que tôdas as outras da região, e que não queria exercer por dinheiro, como o fizera a avó, mas apenas por amor a Deus e ao próximo. E disse o nome da pequena Fadette.

A mãe Barbeau falou ao marido, que não se mostrou contrário, e lhe disse que em Château-Meillant Fadette tinha a reputação de grande saber e que iam de longe para consultá-la, assim como à sua patroa.

Assim, a mãe Barbeau foi pedir a Fadette para visitar Sylvinet, que guardava o leito, e de lhe dar assistência.

Mais de uma vez Fadette procurara a ocasião de falar ao gêmeo de Landry, conforme promettera ao namorado, mas êle sempre a evitara. Não se fez, portanto, de rogada, e correu à presença do pobre gêmeo. Encontrou-o adormecido, num acesso de febre. Pediu à família que o deixasse sózinha com êle. Como é hábito das curandeiras agir em segredo, ninguém a contrariou, e ela ficou no quarto. Primeiro, Fadette encostou a mão na mão do gêmeo, que pendia à beira da cama; mas o fez tão suavemente, que êle não o percebeu, embora tivesse o sono tão leve



que o vôo de uma mosca costumava acordá-lo. A mãe de Sylvinet estava quente como brasa e ficou mais quente ainda na da pequena Fadette. O doente agitou-se, mas não retirou a mão. Então a pequena Fadette pousou a outra mão sobre sua fronte, tão docemente quanto da primeira vez, e ele se agitou ainda mais. Mas, pouco a pouco, foi se acalmando, e ela sentiu que a cabeça e a mão do doente iam refrescando de minuto a minuto e que seu sono se tornava tão calmo quanto o de uma criancinha. Ficou assim perto dele até que o viu a ponto de acordar e então afastou-se devagarinho para trás do cortinado e saiu do quarto e da casa, dizendo à mãe Barbeau:

— Vá ver seu filho e dê-lhe qualquer coisa para comer, porque a febre passou; e, principalmente, não lhe fale em mim, se a senhora quer que o ponha bom. Voltarei esta noite, à hora que a senhora me disse que ele costuma plorar, e tentarei fazer cair novamente essa febre.

---

## XXVI

A mãe Barbeau ficou muito admirada de encontrar Sylvinet sem febre, e lhe deu muito depressa qualquer coisa para comer, que ele aceitou com um pouco de apetite. E, como havia seis dias que a febre não o largava e que ele não queria comer nada, todos se extasiaram com a habilidade da pequena Fadette, que, sem o acordar, sem lhe dar nada a beber, pela virtude apenas de suas conjurações — como pensavam — já o pusera no caminho da cura.

Chegando a noite, a febre recomeçou e subiu muito. Sylvinet ficava prostrada, delirava, caía em sonolência cortada de sonhos, e, quando acordava, tinha medo das pessoas que o cercavam.

Fadette voltou, e, como o fizera pela manhã, ficou sózinha com ele durante quase uma hora, sem fazer outra feitiçaria senão a de lhe segurar as mãos e a cabeça com muita suavidade e de respirar com seu hálito fresco junto de seu rosto esfogueado.

E como pela manhã, livrou-o do delírio e da febre. Ao retirar-se tornou a recomendar que não falassem a Sylvinet de sua assistência. Entrando no quarto, os parentes encontraram Sylvinet mergulhado num sono calmo; não tinha mais o rosto vermelho nem parecia estar doente.

Não sei onde a Fadette foi buscar aquelas idéias. Tivera-as por acaso e por experiência, ao lado de seu irmãozinho Jeanet, que mais de dez vezes livrara da morte sem lhe dar remédio algum, refrescando-o apenas com as mãos e o hálito, ou aquecendo-o da mesma forma quando a febre lhe dava arrepios de frio. Tinha a certeza de que a afeição e a vontade de uma pessoa de boa saúde, e o contáto de mãos puras e bem vivas podem afastar



o mal quando essa pessoa é dotada de certa intelligência e de uma grande confiança na bondade de Deus. E, durante todo o tempo em que impunha o toque de suas mãos, ia dizendo em sua alma belas orações a Nosso Senhor. E o que fizera pelo irmãozinho, o que fazia agora pelo irmão de Landry, não gostaria de experimentar para outra pessoa que lhe fosse menos cara e a quem não dedicasse tanto interesse, porque ela pensava que a maior virtude desse remédio era o grande afeto que seu coração oferecia à pessoa doente, sem o qual Deus não lhe daria o menor poder contra o mal.

E enquanto ia assim enfeitando a febre de Sylvinet, a pequena Fadette dirigia a Deus, em sua oração, as mesmas palavras que murmurava quando conjurava a febre do irmãozinho:

— “Meu bom Deus, fazei com que minha saúde passe de meu corpo para esse corpo soffredor, e assim como o doce Jesus vos offerceu a vida para redimir a alma de todos os homens, se tal fór a vossa vontade de me tirar a vida para dá-la a este doente, tomai-a, Senhor; eu vò-la entrego de bom coração, em troca da cura que eu vos imploro”.

A pequena Fadette pensara um instante em experimentar essa oração junto ao leito de morte da avó, mas não o ousara, pois lhe parecera que a vida da alma e do corpo se apagavam naquela velha por obra da idade e da lei da natureza, que é a própria vontade de Deus. E a pequena Fadette que, como se vê, punha mais religião do que demonismo em suas bruxarias, temia desagradar a Deus pedindo-lhe uma coisa que Ele não tinha o hábito de conceder sem milagre aos outros cristãos.

Quer fosse inútil ou soberano aquêle remédio, o fato é que, em três dias, Fadette livrou Sylvinet da febre, sem que elle jamais tivesse sabido de que modo, se, um dia ao acordar um pouco mais depressa, na última visita que ella lhe fez, não a tivesse visto debruçada sobre elle e soltando-lhe docemente as mãos.

Julgou a principio que fosse uma aparição, e fechou os olhos para não vê-la, mas tendo depois perguntado à mãe se Fadette não lhe tocara no pulso e na testa, ou se era um sonho que tivera, a mãe Barbeau, a quem o marido já falava alguma coisa de seus projectos, e desciava que Sylvinet perdesse a má vontade contra a moça, respondeu-lhe que ella tinha vindo, realmente, manhã e noite durante três dias, e que cortara maravilhosamente seus accessos de febre, tratando dele em segredo.

Sylvinet deu mostras de não acreditar naquillo: disse que a febre caia por si e que as palavras e os segredos de Fadette não passavam de vaidade e melucice. Ficou tranquillo e saudavel durante alguns dias, e o pai Barbeau julgou chegado o momento de lhe dizer qualquer coisa a respeito do casamento do irmão, sem, entretanto, dizer o nome da moça que tinha em vista.

— O senhor não precisa esconder o nome da futura esposa



que destina a meu irmão — disse Sylvinet — Sei muito bem que é essa tal de Fadette, que enfeitou todos nesta casa.

Realmente, o inquerito secreto do pai Barbeau fôra tão favorável à pequena Fadette, que lhe fizera perder toda hesitação. O pai Barbeau desejava ardentemente a volta de Landry e só temia agora o ciúme do gêmeo. Esforçava-se em curá-lo desse defeito, dizendo-lhe que o irmão nunca seria feliz sem a pequena Fadette. E quando o pai falava assim, Sylvinet respondia-lhe:

— Faça isso, então, porque é preciso que meu irmão seja feliz.

Mas não ousavam ainda, porque Sylvinet recaía com acesso de febre mal parecia ter concordado com o caso.

## XXXVI

O pai Barbeau, entretanto, tinha medo de que a pequena Fadette lhe guardasse rancor por suas injustiças passadas e que, já se tendo consolado da ausência de Landry, pensasse agora em qualquer outro. Quando ela estivera na Bassonère para tratar de Sylvinet, o velho tentara falar-lhe em Landry, mas ela fingia não compreender, o que o deixara extremamente embaraçado.

Certa manhã, afinal, ele se decidiu e foi procurar a pequena Fadette.

— Françoise Fadet — disse-lhe ele — venho fazer-lhe uma pergunta a que lhe peço que responda com toda honradez a verdade. Antes da morte de sua avó, você suspeitava dos grandes bens que ela lhe deixaria?

— Sim, pai Barbeau — respondeu a pequena Fadette — eu tinha minhas suspeitas, porque muitas vezes a via contar moedas de ouro e de prata, e que só via sair desta casa moedas de níquel, e também porque muitas vezes ela me dissera, quando as outras mocas cacoavam de meus farrapos: — "Não te importes com isso, pequena. Hás de ser mais rica do que todas elas, e um dia chegará em que poderás cobrir-te de seda dos pés à cabeça, se tiveres esse capricho".

— E então, terá você dado conhecimento desse fato a Landry, e não seria por causa de seu dinheiro que meu filho fingia estar apaixonado por você?

— Quanto a isso, pai Barbeau, — respondeu a pequena Fadette — tendo sempre desejado ser amada pelos meus belos olhos, que são a única coisa que nunca me negaram, não ia ser tão tola a ponto de dizer a Landry que meus belos olhos estavam em sacos de couro cheios de dinheiro; e, no entanto, eu poderia ter dito sem perigo para mim, pois Landry me amava de modo tão honesto, com todo seu coração, que nunca se interessou em saber se eu era rica ou miserável.



# UM CONSELHO

Você que não pode fazer compras no "mercado negro" e pretende convidar uma pessoa de suas relações, para almoçar ou jantar, veja o que me aconteceu:

O telefone tocou. Era uma de minhas amigas que regressara de Buenos Aires e estava ansiosa para matar as saudades.

Fiquei satisfeita e não tive dúvidas em convidá-la para almoçar comigo no dia seguinte. Mal sabia eu, a dor de cabeça que daria esse almoço. Não pelo trabalho que iria ter, preparando a refeição, já organizada mentalmente. Não. O motivo foi outro. O dia marcado era terça-feira, portanto deveria encontrar carne. Acordei mais cedo que de costume, apanhei a bolsa de compras e sai direita ao açougue. Mas oh! decepção! As grades estavam despidas. Lá dentro apenas os ganchos limpos e brilhantes. Era só. Não desanimei. Ainda havia o recurso do peixe. Encaminhei-me para a feira. Comprei legumes, pensando em fazer uma torta, as verduras e seguí procurando o pescado. Em lugar de barraca, havia uma porção de paus amarrados. Os barraqueiros não tinham recebido o peixe.

E agora? Comecei a ficar preocupada. As horas haviam passado rápidas. Lembrei-me então de uma galinha. Fui ao depósito. Encontrei. Eram feias, esculhadas, mais penas do que carne. Afinal decidi por uma de aparência melhor.

Cheguei à casa exausta. Ah! ia esquecendo de dizer que farinha de trigo para a torta, só se eu fosse muito longe, no "mercado negro".

Preparei tudo correndo. A alegria de rever minha amiga era tão grande que até esquecera os pulos que meu coração dera com a

ARI-TIO-KO

falta de tudo. As panelas estão no fogo. A galinha está fervendo... fervendo... fervendo... Quase meio dia Espeto o garfo, parece uma pedra! Meu Deus! Que fazer? Lembrei-me então do método usado por uma de minhas melhores amigas, uma preta velha, que enquanto viva, jamais faltou quando precisava dela.

Quebrei um pires e botei um caco na panela.

Confesso que sou um pouco descrente dessas simpatias. Mas num momento desses, lança-se mão de todos os meios. O resultado foi nulo. Pensei então nos três grãos de milho, também ensinamento de minha amiga preta. Mas eu não tenho aves em casa. Como arranjar milho? O galo da vizinha cantou. E eu que nunca a incomodei para cousa alguma, sou obrigada a pedir três grãos de milho! Jogo-os na panela. Nesse ponto já estou cansada e quase arrependida de ter convidado Helena para almoçar. Ela que me desculpe. Enquanto houver essa miséria no Brasil, não terei a infantilidade de renovar o convite.

Agora, depois do caso passado, sabendo que na Argentina come-se a qualquer hora do dia ou da noite um ótimo bife, tenho pena dos brasileiros.

Passamos mal, sem necessidade.

Os frigoríficos estão aarrotados de carne de primeira, para ser exportada.

Os exportadores querem apenas muito lucro. Não importa a eles que os brasileiros enfraqueçam por falta de nutrição.

Senhor Ministro da Agricultura, por favor, faça alguma coisa. Não permita mais que o Wilson, o Armour, o Swift, tomem conta de todo o nosso gado!

E os peixes onde andam? Fugiram do Oceano Atlântico? Não. A Comissão de Pesca é que atrapalha tudo! O mar é o mesmo. Os pescadores também são os mesmos. Não temem sol abrasador, chuva iclemente, frio contante, mar bravio. Arriscam a própria vida. São os que mais trabalham e os que menos ganham. Eles

que enfrentam com galhardia os tubarões do mar, nada podem fazer contra os "Tubarões" de terra! E o resultado aí está. Peixe por preços astronômicos. Aos peixeiros não interessa levá-lo para os baítros pobres, onde a população não pode comprar. Então os "técnicos" acham preferível jogar fora, a vender mais barato. Vão acumulando no "Entrepósito", até que um dia só há um remédio: tudo para o mar novamente.

O caso das galinhas é quase idêntico. Não precisávamos comprar uma ave velha por quarenta cruzeiros. Em Jacarépaguá há uma imensidão de terras, que poderiam ser aproveitadas para granjas. O que não existe é boa vontade e interesse pelo povo. A culpa do transporte caro devido as distâncias, desapareceria. Não seria preciso o intermediário, também uma das cousas do encarecimento. O criador de galinhas do interior, vende-as baratíssimas. Mas elas vem passando de mão em mão e quando chegam às nossas, ficamos com a carteira vazia! Lá se vão os nossos últimos cruzeiros.

E o que dizer da banha, feijão, leite, queijo, manteiga, presunto e da farinha de trigo, que podia ser produto nacional?

Todos os estados do sul têm clima próprio para o cultivo do trigo. Mas alguém não quer... E enquanto não desaparecerem as barreiras com que deparam os homens dispostos a contrariar esse alguém, nós pobres donas de casa, mães brasileiras, somos obrigadas a fazer verdadeiras acrobacias, a fim de alimentar nossos maridos e nossos filhos.

Esse alguém, chama-se imperialismo. Mas, isto é outra história que eu pretendo contar a vocês.

Por enquanto, sigam o meu conselho:

Unamo-nos. Ajudemos a derrubar essas barreiras. Organizemo-nos.

Um simples almoço não pode continuar sendo um problema difícil de resolver.



## Salada De Camarões

Depois de cozidos são os camarões, descascados e temperados com azeite, vinagre, sal, cebola ralada, rodela de tomates e um pouco de farinha de rosca.

## Galinha à Jardineira

Refoga-se bem em um pouco de gordura, umas rodela de cebolas, alguns tomates e uma galinha, depois de bem limpa com os seus miúdos; põe-se água e vai a cozinhar, tampando-se bem a panela.

Cozinham-se algumas cenouras, cebolinhas, ervilhas, ou melhor "petit-pois", uns "bouquets" de couve-flor e vagens. Depois de cozidos são os legumes colocados em volta de uma travessa, pondo-se a galinha ao centro.

Prepara-se com o caldo o molho, engrossado, com o fígado esmagado, maizena, um pouco de manteiga e uma gema, levando-se à mesa em separado.

## Lobo De Porco a Italiana

Toma-se um bom lombo de porco, limpa-se e mete-se em vinho branco com uma ou duas

cebolas em rodela, alho, salsa, pimenta, do reino, sal e um pouco de manteiga. Vai ao fogo brando até ficar bem macio. Deixa-se cozer e serve-se com molho de limão.

## Bolo De Côco

Batem-se muito bem 8 gemas com 4 xícaras de açúcar, junta-se em seguida 6 colheres de



manteiga bem batida e 6 colheres de côco ralado de costas; por último 9 claras bem batidas. Mistura-se bem e junta-se depois 4 xícaras de farinha de arroz peneirada com uma colher de sopa de fermento inglês. Põe-se para assar em forma unida com manteiga, forno regular.

## Compota De Bananas

descam-se bananas, bem maduras, cortam-se as rodela grossas mas sem as tocar com lâmina de metal para que não escureçam; mergulham-se na água, fervendo, escorrendo, a água logo em seguida para meter numa calda fria em ponto de fio, ou deixando-se durante uma hora. Ao fim desse tempo, escorre-se a calda numa panela e leva-se ao fogo, perfumando-se com casca de laranja. Quando estiver em boa espessura tira-se do fogo e despoja-se sobre as bananas.

## ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA WILSON LOPES DOS SANTOS

ADVOCADO

DIREITOS DE FAMILIAS — SUCESSÕES

De 10 às 12 e de 16 às 18 hs.  
R. Senador Dantas, 35-2.º and.  
Tel: 42-1528

## GELÉIAS LOUISE ALDERSON

As melhores geléias, feitas de frutas frescas

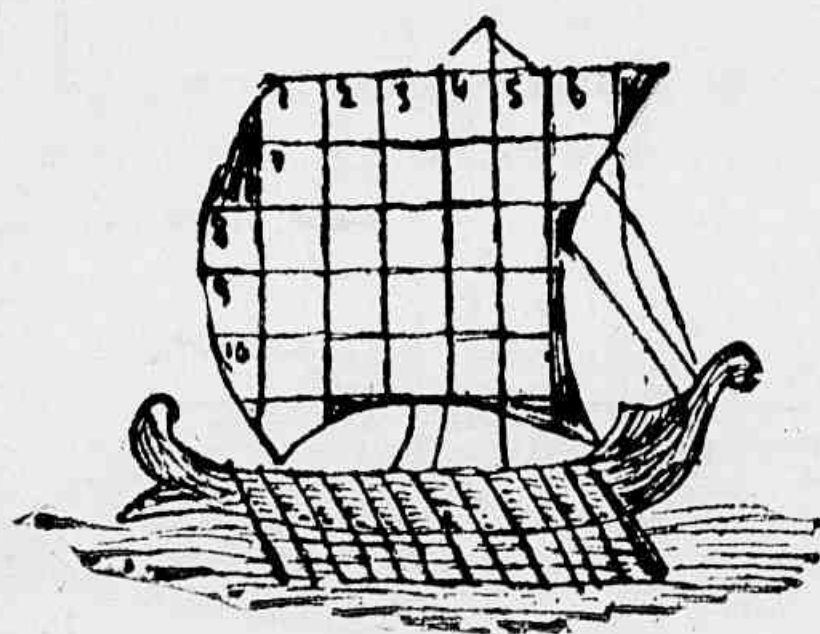


Rico alimento para as crianças — saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.ª ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92  
Telefone: 38-3030 — Rio

## PALAVRAS CRUZADAS



HORISONTAIS: — 1 — Genero de rosaceas  
7 — Lugar. Distancia de um lugar para outro.  
pl. 8 — Antiga flauta pastoril, pl. 9 — Embarcação antiga. 10 — Que tem muita idade, pl

VERTICAIS: — 1 — Genero de gramíneas. 2 — Nome de uma tragedia, ortografia simp. 3 — Divindades, entre os romanos. 4 — Rampa, limalha. 5 — Planas, lãs. 6 — Convites, festas. 8 — Pro-



# FESTA DA IMPRENSA

**Entusiasmo e Alegria Na Festa Realizada, Domingo, Na Granja Das Garças -- Eleita Leonor Bonoso -- Senhorita Imprensa Popular**

Realizou-se, domingo, dia 16, na Granja das Garças, a grande festa, pró Imprensa Popular, que vinha sendo amplamente anunciada.

O povo, mais uma vez, apoiou a grande campanha, comparecendo àquele local em grande número e o que é melhor contribuindo com grande entusiasmo. A Granja das Garças é um recanto maravilhoso e o ambiente, por si só, é um convite à alegria. E, na

verdade, a alegria contagiou os presentes. A nota alta da festa, além das danças animadíssimas, competições esportivas, barracas de venda e jogos, "show" com a participação de artistas populares, foi a eleição da Senhorita Imprensa Popular.

Foi uma verdadeira campanha eleitoral. cabos, finanças, comícios. Leonor Bonoso foi eleita Senhorita Imprensa Popular. Seu cabo eleitoral

foi o Dr. Aristides Saldanha, de Copacabana. A candidata de "O Momento Feminino", Ivone Miranda, logrou o 2.º lugar. O Sr. Zumalá Bonoso que movimentou a campanha pela candidata de nosso jornal, fazia, a todo o instante, leilões de objetos, cujo resultado era convertido em compra de votos. Vera Santos, foi a terceira colocada e os funcionários municipais esforçaram-se para arranjar-lhe o maior número de votos possível.

As próprias candidatas apresentavam suas plataformas e pediam votos.

E, cada voto era dinheiro para a reconstrução da Imprensa Popular.

Da festa pôde dizer-se: foi uma vitória, uma grande vitória.

Haja visto que vai repetir-se no próximo dia 7 de dezembro, no mesmo local, escolhido democraticamente pelos presentes. Podemos prever, pela alegria e ordem que reinaram, o que será a nossa volta, no dia 7, à Granja das Garças.

Na ABI, segunda-feira, Leonor Bonoso recebeu a faixa de Senhorita Imprensa Popular e pronunciou um pequeno discurso que transcrevemos:



Leonor Bonoso, eleita Senhorita Imprensa Popular

"O jornal, quando é jornal de verdade, é a voz do povo que diz os sentimentos, que diz os pensamentos do povo. Jornal de mentira é outra coisa: é negócio, e negócio mau, péssimo negócio. Quando se vê, por exemplo, uma mulher ou um homem lendo a "Tribuna Popular", já se sabe que ela ou ele é gente que está com a vida no lugar, e esse lugar é o Brasil, o Brasil pátria, o Brasil que tem que ser do tamanho do seu tamanho, com saúde, com instrução, o Brasil forte, o Brasil feliz, em ordem e tranquilidade, unido, democrata, progressista. A imprensa popular é um comício de todos os dias. Numa eleição livre e honesta, realizada ontem, à luz do sol, em Campo Grande, o povo me escolheu para senhorita Imprensa Popular. Nenhuma alegria foi tão grande na minha juventude. Quero trabalhar pela imprensa do povo. Quero que todos me ajudem. Pela Imprensa Popular! Pelo Brasil!"



Ivone Moreira, a nossa candidata que obteve o segundo lugar.

## O Maior Acontecimento De 1947! -- a 7 De Dezembro